

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE
GÊNERO

Stela Maris Martins de Oliveira

MULHERES EM ÁGUAS MASCULINAS: PESCADORAS EM SÃO JOSÉ DO
NORTE/RS

Porto Alegre

2011

Stela Maris Martins de Oliveira

**MULHERES EM ÁGUAS MASCULINAS: PESCADORAS EM SÃO JOSÉ DO
NORTE/RS**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profº. Dr. Fernando Seffner

Porto Alegre

2011

Se pudesse pescar a esperança

Pescaria Por ti

Pescador da Lembrança

De Pedro o Santo.

Se pudesse pescar o sonho

Pescaria por ti

No teu abandono.

Mas se pudesse pescar o peixe

Pescaria por mim

Minha insaciedade de sonhos e esperanças

Numa mesa nem sempre farta.

(Vitor Hugo G. Rodrigues)

Dedico este estudo a todas as pescadoras e pescadores que na sua luta cotidiana não perdem a esperança de dias melhores. Que a equidade de gênero possa produzir união de esforços para conquistas sociais e econômicas. São mulheres e homens que com seu mar de sonhos abastecem as nossas mesas.

Tenho esperança que este trabalho os conduzam a ondas mais mansas e que um novo olhar seja lançado para as nossas mulheres e homens do mar.

Agradecimentos:

A minha mãe Maria Helena, pelas minhas origens e por suas conversas calorosas que me levaram a produzir este estudo.

Ao meu pai Roner Antônio (in memoriam), que me semeou a vontade de estudar as masculinidades para alertar sobre a importância do cuidado com a saúde e evitar que homens sejam tirados tão cedo e de uma forma tão avassaladora de suas famílias. “Pai fostes tirado de nós durante a realização desta pesquisa, mas a saudade e a tristeza foram rompidas pelos ensinamentos que deixastes, me dando força para continuar”.

Ao meu companheiro de todas as horas, João de Oliveira, que nestes 23 anos de casamento tem me acompanhado em todas as minhas aventuras, encontros e desencontros. Por ter me acompanhado em todos os locais da entrevistas.

As minhas filhas Letícia e Stéfani pelas suas existências, por encherem os meus dias de alegria e plenitude.

As minhas irmãs e meus irmãos por existirem e, por estarem sempre comigo e compartilhar junto as alegrias e as tristezas que a vida nos reserva.

Ao meu orientador, Fernando Seffner, por me acompanhar nesta caminhada e compartilhar comigo os seus conhecimentos. Agradeço pela sua alegria e a energia que me impulsionava a continuar.

As minhas professoras e professores da Especialização por repartir comigo o tempo e conhecimento.

Aos meus/minhas colegas do Pós, que estiveram juntos/as nesta caminhada.

As pescadoras e suas famílias que se disponibilizaram a fazer parte desta pesquisa.

RESUMO

OLIVEIRA, Stela Maris Martins. **Mulheres em águas masculinas: pescadoras em São José do Norte**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 76 f. Monografia (Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

O objetivo desta pesquisa é investigar a inserção e trajetória de mulheres na profissão de pescadoras no município de São José do Norte/RS, a partir de entrevista realizada no período de dezembro de 2010 à março de 2011. A análise das entrevistas é feita sob a ótica das construções sociais de gênero, masculinidades e relações de poder numa perspectiva dos estudos culturais sob a ótica do pós-estruturalismo. Esta abordagem é essencial para o estudo das relações de gênero na atividade pesqueira de São José do Norte. Foi possível perceber invisibilidade feminina na pesca e a subordinação das mesmas a seus maridos, resultado de relações de poder desigual.

PALAVRAS-CHAVE: gênero – relações de gênero – relações de poder – masculinidades – feminilidades – mulheres pescadoras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. ENTRE A LAGUNA E O MAR – descrição do espaço estudado.....	10
2. AS ÁGUAS NAVEGADAS E AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	15
3- AS TRIPULANTES NESTA VIAGEM – apresentação das entrevistadas	25
4. OUTROS A NAVEGAR POR ESTAS ÁGUAS.....	29
5. GÊNERO, MASCULINIDADES E RELAÇÕES DE PODER – abordagem conceitual..	33
6. PESCA ARTESANAL, PROFISSIONAIS E LEGISLAÇÃO	37
7. MULHERES EM ÁGUAS MASCULINAS.....	41
7.1. Inserção e Trajetória.....	41
7.2. Pesca pra homem? Peixe para mulher?	46
7.3. “Dondoca é uma espécie em extinção” – a sobrecarga de tarefas.....	48
7.4. Mulheres/homens e pesca: as relações de gênero e poder.....	51
7.5. Pesca/masculinidades/feminilidades	54
7.6. Perspectivas das mulheres no setor pesqueiro de São José do Norte	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	65

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como eixo central a inserção e trajetória das mulheres que exercem a profissão de pescadoras no município de São José do Norte, no litoral Sul do Rio Grande do Sul.

A escolha do tema de pesquisa é muitas vezes difícil e de grande preocupação para pesquisadoras e pesquisadores, principalmente quando esta representa o trabalho de conclusão de curso. Para mim não seria diferente se eu e a temática não tivéssemos nos encontrado.

O meu primeiro contato com o tema masculinidades se deu nas aulas da Especialização, particularmente na cadeira de Masculinidades. A minha ligação com a atividade pesqueira e com o município é muito anterior.

Foi a trajetória histórica da minha família na pesca me conduziu ao encontro com o tema . Colocava em numa das aulas de Masculinidade a lembrança de uma conversa que havia tido com a minha mãe sobre profissões e masculinidades. Ela me fez um relato sobre a sua juventude e de suas irmãs trabalhando como pescadora na parrelha de pesca de meu avô. Meu avô, Noé Francisco Nunes Marques, foi um dos portugueses que veio de Póvoa de Varzim no início do séc. XX. e fundou as primeiras parrelhas de pesca no Município. Ele, juntamente com os meus dois bisavôs José Francisco Marques, seu pai, e Manoel da Costa Vianna, pai da minha avó, Maria de Lourdes Vianna Marques, fundaram a comunidade pesqueira da Crôa do Cemitério, no Município. As bases da atividade pesqueira lançada pela minha família no Município me levaram a escolher este tema. Minha mãe, tias, tios, primos, primas, avô, avó, bisavós, marido, sogro, exerceram ou ainda exercem a atividade pesqueira em São José do Norte.

Minha mãe, Maria Helena Vianna Marques, conta que uma vez foram pescar sozinhas, sem a presença masculina do meu avô, pois os irmãos não haviam nascido ainda. Eram as três filhas mais velhas, que ao serem avistadas por um grupo de homens

pescando, a irmã mais velha precisou fazer-se passar pelo meu avô, imitando o seu jeito e o sotaque português, para que fossem respeitadas, já que meu avô era respeitado e até mesmo temido pelos outros pescadores e, a presença de mulheres pescando sozinhas, sem a companhia masculina não era comum. A pesca não era lugar para mulheres.

A motivação pessoal foi somada a minha trajetória acadêmica na Fundação Universidade de Rio Grande. Fui moradora do Município durante o período de formação em Geografia e o meu TCC foi sobre São José do Norte. Pesquisei a Evolução sociodemográfica do município no período de 1872-1991. O meu interesse pelo tema das masculinidades, aliado as motivações citadas anteriormente, levaram-me a pesquisar a inserção e trajetória das mulheres numa profissão tradicionalmente masculina.

São José do Norte tem uma população predominantemente masculina devido as características econômicas do Município, cuja base é o setor primário, tendo como principais atividade o cultivo da cebola, a pesca e a indústria madeireira. Um espaço geográfico com tais peculiaridades tem muito mais dificuldade para avançar nos estudos de gênero. Por isso esta temática é de suma importância para os avanços das relações de gênero e poder nas comunidades pesqueiras, principalmente na comunidade pesqueira Z-2 (em São José do Norte) aonde a equidade de gênero está longe de ser conquistada.

As pesquisas, realizadas normalmente no Município, abordam o desenvolvimento, importância econômica e social da pesca para a população. Não tenho conhecimento de pesquisas que façam uma análise das relações de gênero na atividade pesqueira. Existem alguns estudos de gênero realizados na atividade pesqueira do litoral de Santa Catarina, no Pará e no Nordeste, mas não em São José do Norte. Alguns deste estudos serão apresentados no transcrito desta pesquisa.

Este estudo de caso está estruturado em tópicos. No primeiro capítulo é feita uma descrição do Município de São José do Norte. Optou-se por detalhar mais descrição e apresentar imagens da posição e configuração geográfica do Município pois considero que é um local que poucos leitores conhecem e isto facilita um melhor acompanhamento das análises feitas. O segundo apresenta os caminhos e as escolhas

metodológicas. No terceiro capítulo as entrevistadas são apresentadas. É traçado o perfil de cada uma delas, com elementos como idade, estado civil, cor, religião, entre outros. O capítulo quatro apresenta ao leitor alguns autores que já realizaram estudos abordando este objeto de pesquisa. Uma abordagem conceitual dos temas do estudo de gênero e da atividade pesqueira é realizada nos capítulos cinco e seis. As análises das entrevistas e a relação com a abordagem conceitual é realizada no capítulo sete. Apresento, para encerrar, as considerações finais e as referências bibliográficas.

1. ENTRE A LAGUNA E O MAR – descrição do espaço estudado

O Município aonde a pesquisa foi realizada possui uma beleza natural privilegiada. É uma restinga constituída de areias lagunares-marinhas em feições eólicas resultado das sedimentações marinha e continental de idade holocênica, situada na Planície Costeira do Rio Grande do Sul, com uma altitude média de 3m, entre a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico.

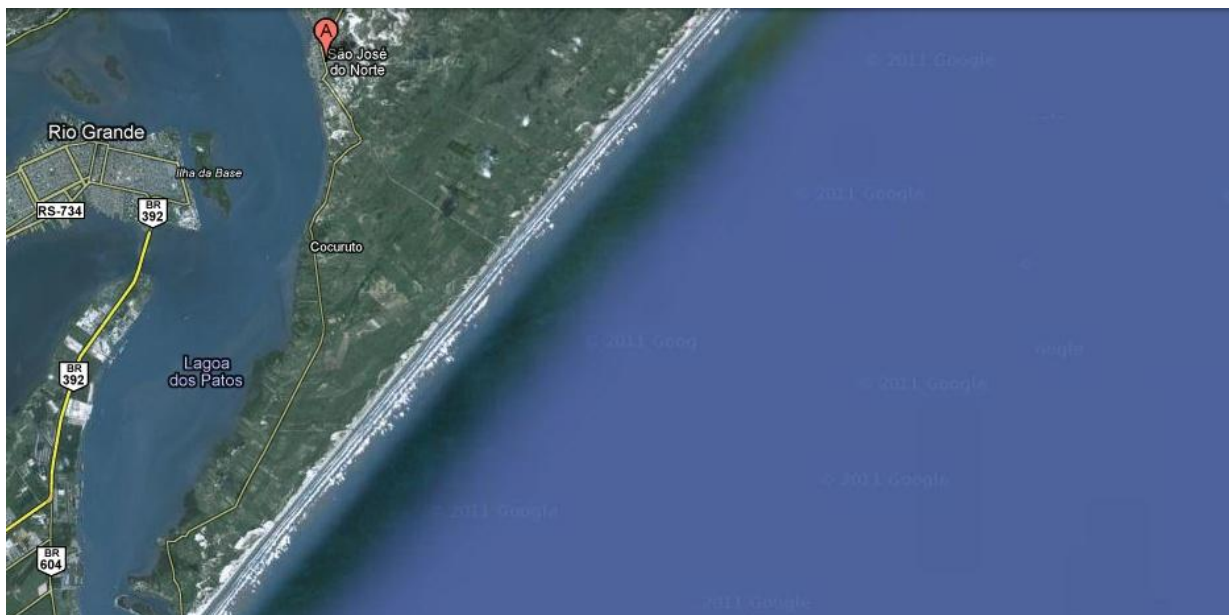
O Município de São José do Norte, mais conhecido como Norte, está situado a 32°00'53" latitude Sul e 52°02'30" longitude Oeste, pertence a Microrregião do Litoral Lagunar (035)¹, limitando-se ao Norte com a Laguna dos Patos (Mar de Dentro) , a Leste com o Oceano Atlântico (Mar de Fora), a Oeste com a Laguna dos Patos e ao Sul com o Canal do Norte² e Molhes da Barra, como pode ser observado na fig. 01.

O clima do Município é o Temperado Oceânico (Cfb), com temperaturas médias anuais de 16, 5° C.

¹ O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divide o Rio Grande do Sul em 35 Microrregiões.

² Limite Sul é conhecido também como o Canal de Rio Grande, pois o canal é formado pelas águas da Laguna dos Patos e esta desemboca no Oceano. A Laguna dos Patos limita os Municípios de São José do Norte e Rio Grande.

Fig. 01- Imagem de Satélite da Posição geográfica do Município



Fonte: Adaptado de Google Eart

São José do Norte é um dos Municípios mais antigos do nosso Estado. Sendo um dos primeiros a ser desbravado pelos pioneiros da colonização do Rio Grande do Sul.

Antes da chegada dos colonizadores a península era habitada por índios Carijós, Charruas, Minuano e por nômades. Em 1725, é instalado no território nortense o primeiro posto de vigilância do Estado, o “Barranca do Norte”, dando início assim o povoamento do Rio Grande do Sul.

Em 1737, com a criação da “Estância Real de Bujuru”, tem início o povoamento do Município. Em 1763, devido a ocupação espanhola do município de Rio Grande, parte da população do Município e as tropas portuguesas se transferem para São José do Norte, fundando o núcleo populacional que originou na criação do atual Município. Foi criado pelo Decreto nº 13 de 25 de outubro de 1831 e instalado em 15 de agosto de 1832.

Seu território de 1.118 km² está dividido em três distritos. O 1º Distrito, a Sede do Município, o 2º Distrito, a localidade do Estreito, disto à 36 km da sede e, o 3º Distrito, Bujuru, à 66 km da Sede, como é possível ser visualizado na Fig. 02.

Fig. 02 - Distritos de São José do Norte



Fonte: Adaptado de Google Earth

Rio Grande é o município mais próximo de São José do Norte. São limitados apenas pelo estuário da Laguna dos Patos, conforme pode ser observado na fig. 1. A ligação entre eles é feita por transporte hidroviário, num trajeto de 7 km³.

O Município dista da capital em aproximadamente 360 km. A ligação com Porto Alegre é feita via BR 101⁴, a antiga “estrada do inferno”⁵, ou pela BR 116, via município de Rio Grande.

A população de São José do Norte, segundo o censo realizado pelo IBGE em 2010, é de 25.523 habitantes. Destes, 17.403 residem na zona urbana e, 8.120 na zona rural. Sendo que há um predomínio de homens no município. São 13.011 homens e 12.512 são mulheres.

³ O trajeto entre São José do Norte e Rio Grande é realizado pelo transporte hidroviário. Lanchas fazem o transporte de passageiros, as barcas de veículos e, as “ambulanchas” o transporte de doentes para os hospitais de Rio Grande.

⁴ Neste trajeto é conhecida como RST 101, pois ainda está sob jurisdição do Estado do Rio Grande do Sul.

⁵ Era chamada de “estrada do inferno” devido a sua impossibilidade ou grande dificuldade de tráfego antes de ser asfaltada. Durante o período em que era conhecida por estrada do inferno a ligação com os outros municípios do Estado era feita via Rio Grande. O término do asfaltamento ocorreu em 2008.

O predomínio da população masculina ocorre em áreas aonde a base da economia é o setor primário. Em São José do Norte a agricultura e a pesca constituem a base econômica do Município. Sendo que a captura de pescados supera até mesmo o Município de Rio Grande, mas o a maior parte do pescado capturado no Município é destinado às indústrias do município vizinho. É realizado no Município a pesca industrial⁶ feita no oceano e a pesca artesanal⁷ na Laguna dos Patos e no Oceano.

A riqueza hidrográfica do Município de São José do Norte, formado pela Laguna dos Patos e pelo Oceano atlântico, atraiu para a região os imigrantes portugueses de Póvoa de Varzim no final séc. XIX e meados do séc. XX. Estes introduziram em São José do Norte a atividade pesqueira e montaram as primeiras parelhas⁸:

Esses pescadores atuavam no estuário da Lagoa dos Patos e no litoral do Oceano Atlântico através do sistema de parelhas – embarcações a remo e munidas de redes, que operavam com grande contingente de homens. Portadores de uma experiência pesqueira de séculos de desenvolvimento, eles introduziram novas técnicas de captura e um processo produtivo mercantil na região, passando a organizar uma pequena produção destinada ao porto de Rio Grande. O peixe era salgado, inicialmente para consumo próprio, sendo que alguns desses imigrantes adquiriram capital suficiente para criarem as salgas e comercializarem o pescado, que então passou a ser exportado para a região sudeste do Brasil, em um processo de consolidação das indústrias de conservas de peixes através do abastecimento do mercado nacional. (ADOMILLI, 2007, p. 154)

Os povoeiros quando chegaram em São José do Norte, encontraram já instalados no Município os açorianos.

Os açorianos, os tropeiros lagunenses e os paulistas iniciaram o povoamento, a partir de 1737 e instalaram as bases econômicas do Município. Os tropeiros introduziram as primeiras estâncias no Município. A pecuária era a principal atividade econômica até o início do séc. XX, mas a agricultura introduzida pelos açorianos foi ocupando este lugar. A colonização açoriana introduz no Município o cultivo da cebola e do trigo. A pesca era praticada pelos açorianos juntamente com a agricultura. A agricultura era a atividade principal e a pesca era para a subsistência, não de forma

⁶ Pesca realizada em alto-mar em barco grandes, acima de 12 toneladas, e com extensas redes de arrasto.

⁷ Pesca realizada por embarcações menores conhecidas como “botes” e com redes de menor extensão. Devido a estrutura das embarcações a pesca oceânica é realizada somente até 3 milhas.

⁸ As parelhas introduzidas pelos povoeiros eram constituídas de embarcações a remo, redes e um grande número de homens.

mercantil. Dificilmente um açoriano se dedicava somente a pesca como faziam os imigrantes povoeiros:

Conforme Orlando et al. (1989), os povoeiros dispunham de técnicas de pesca que lhes conferiam uma maior capacidade de captura em relação aos descendentes de açorianos, que se dedicavam preferencialmente à agricultura, sendo que poucos eram exclusivamente pescadores. Os pescadores nativos, por sua vez, dificilmente sujeitavam-se a trabalhar para os portugueses, uma vez que eram pescadores-agricultores, obedecendo a um ritmo de pesca diferenciado, que não se baseava na produção mercantil, mas no trabalho enquanto unidade familiar, voltada para a subsistência. (Encontrado em ADOMILLI, 2007, p. 155)

2. AS ÁGUAS NAVEGADAS E AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Antes de chegar as comunidades pesqueiras que seriam o campo desta pesquisa, naveguei por águas conhecidas. Navegar por águas desconhecidas normalmente causa estranhamento e receios. Estes precisavam ser rompidos, superados. O Município de São José do Norte já estava definido por afinidades pessoais e conhecimento do território. Restava agora identificar possíveis entrevistadas e definir as que fariam parte da tripulação deste barco. Os primeiros passos foram contatos telefônicos com os meus familiares, para que tentassem identificar possíveis entrevistadas já que não havia possibilidade de me deslocar para o Município já no início do mês de outubro de 2010. Após algumas possíveis indicações, defini o final do mês de dezembro para o início das entrevistas.

O foco de minha exploração foi a localidade conhecida como Crôa do Cemitério, na sede do município, local das minhas origens maternas, habitado por meus familiares, amigos e conhecidos. Em dezembro fui ter contato com as primeiras possíveis entrevistadas. Uma delas me disse que não, que ela não era pescadora, que ela só ajudava o marido na pesca, carregando rede, liquinhos e tirava carne de siri para vender. Esta não fez a entrevista e me indicou a Luiza. Sua fala foi “ela realmente é pescadora. Têm uma andânea só dela. Pesca que nem homem.” Além desta foi me indicado também a Vanda. Dessa forma as entrevistadas foram sendo definidas. A intenção para este estudo era entrevistar cinco mulheres, mas para a minha surpresa as indicações não pararam. Entrevistei onze pescadoras. Duas no mês de dezembro e nove no mês de março. A partir dessas indicações foi se construindo os campos de estudo e o grupo de pescadoras que representariam a categoria a ser investigada.

O conhecimento do município e da própria atividade pesqueira facilitou a construção do roteiro de entrevista. A partir daí comecei a investigar sobre a inserção da mulher na pesca, as características desta atividade, quem havia pesquisado sobre o assunto, que abordagem foi dada e em que local.

Utilizei um roteiro de entrevista contendo 42 perguntas. Estas precisavam contemplar os objetivos da pesquisa. Elas foram distribuídas em quatro blocos.

O primeiro bloco contém questões sobre o perfil das entrevistadas. A partir dele é possível estabelecer as características pessoais, tempo na atividade e vínculo profissional. Saber quem é esta mulher que exerce uma atividade tradicionalmente masculina.

- Qual é a sua idade?
- Aonde Nasceu? Ha quanto tempo mora no Município?
- Aonde mora? Quem mora com você?
- Qual é a sua religião? É praticante?
- Que cor você se classificaria? Branca, parda, preta, amarela (asiática) ou indígena?
- Você é casada ou mora junta com alguém? Já teve outras uniões antes?
- Tem filhos(as)? Quantos(as)? São todos(as) do mesmo marido ou companheiro?
- Até que série estudou?
- Há quanto tempo trabalha como pescadora?
- Qual é o seu vínculo profissional? Você é dona da embarcação(patão), mestre ou é proeira (empregada)?

O segundo bloco do roteiro das entrevistas caracteriza a atividade profissional e a relação de gênero, atravessadas por relações de poder no trabalho.

- Em que localidades você pesca (Estreito, Ponta do Mato, Barra...)? Na Laguna dos Patos ou no Oceano?
- Com que frequência realiza sua atividade como pescadora (diária, semanal, mensal, sazonal?)
- Durante a pesca costuma ficar afastada de casa mais de um dia? Se sim, aonde costuma ficar e como são as acomodações, infra-estrutura?)
- Que tipo de pescado captura?

- Com quem você pesca (sozinha, marido, filhos(as))?
- Outros homens trabalham com você? Quem são eles?
- Como é a relação destes homens com você?
- Você possui alguma assistência médica e odontológica?
- Quais as tarefas realizadas por você na sua atividade como pescadora?
- Qual é o seu tempo de profissão?
- Além da pesca que outras atividades você exerce?
- Você já atuou ou atua em alguma associação, sindicato ou outra organização ligada a pesca e aos pescadores? Você é sindicalizada? Conhece alguma mulher sindicalizada como pescadora?

No bloco III o roteiro é composto por questões que procuram definir a trajetória da mulher na pesca, constrangimentos, fatos que marcaram, situações de perigo, os gostos, desgostos na profissão e, rendimentos.

- Conte como foi a sua trajetória como pescadora (início, motivos de inserção nesta atividade...)?
- Você já passou por algum constrangimento nesta atividade? Relate
- Quais os fatos que mais lhe marcaram?
- Já passou por alguma situação de perigo ou medo? Conte como foi?
- Qual a reação dos homens quando você começou a pescar?
- O que mais gosta na sua profissão?
- O que menos gosta?
- Compare os ganhos salariais com outras profissões que você poderia exercer. Você considera que é uma profissão rendosa?
- O ganho é igual ao dos homens que exercem a mesma profissão?

O bloco quatro analisa as questões de gênero e a visão feminina em relação a sua atividade profissional, das tarefas que realiza, das vantagens, desvantagens, sindicalização, influência da pesca na vida afetiva e na sua feminilidade e, as expectativas com a profissão.

- Você percebe que está exercendo uma atividade tradicionalmente masculina?
- Os homens te respeitam como profissional?
- Em algum momento surgiram tarefas difíceis de você realizar? Relate como foi alguma situação destas.
- Quais as vantagens de ser pescadora? E as desvantagens?
- Você participa da Colônia de Pescadores? Como é esta participação?
- Você participa das assembleias?
- Se sente feminina como antes?
- Há de alguma forma interferência desta profissão na sua vida afetiva? Conte
- Você pretende ficar nesta profissão? Gosta dela?
- Se tivesse que trocar de profissão, qual profissão você gostaria de exercer?

Das onze entrevistas realizadas, sete foram individuais e 4 foram realizadas em conjunto.

O período de realização das mesmas seguiu as minhas disponibilidades para viagem. Duas foram realizadas no dia 29 de dezembro de 2010, sete no dia 08 de março de 2011 e as duas últimas no dia 09 de março de 2011.

O contato com as pescadoras foi bastante agradável e produtivo. Elas foram bastante receptivas e se dispuseram a responder as perguntas sem nenhuma resistência. A princípio foi preciso romper com a timidez de algumas delas para que ficassem bem a vontade.

As entrevistas foram filmadas para serem transcritas e analisadas. Além das filmagens, foi feito também fotografias das entrevistadas e das comunidades. Para dar suporte a análise das entrevistas utilizei um diário de campo aonde anotava as observações que se faziam necessária, como comentários das entrevistadas e de outras pessoas, aspectos relativos aos ambientes de realização das entrevistas, entre outras considerações que julgava relevante.

Após o término das entrevistas, procedi a transcrição das mesmas. Decidi por não alterar a maneira falada pelas entrevistadas. Conservei seus vícios de linguagem e erros de pronúncia. Acredito que o vocabulário utilizado por elas enriquece nossa pesquisa, pois é parte de uma construção social. Com o fim das transcrições sistematizei os tópicos que julguei necessários serem analisados para a finalidade da pesquisa. Os vários elementos das entrevistas se entrecruzam e dialogam. Não é possível tomá-las de forma isolada. É importante levar em consideração os atravessamentos e o aspecto relacional no processo de análise. Considerei seis tópicos para serem analisados. O primeiro tópico é constituído pela inserção e trajetória das mulheres na atividade pesqueira. No segundo item analiso a atividade com o atravessamento de gênero, levantando a questão das produções culturais com o termo “Pesca pra homem? Peixe para mulher?”. O Terceiro tópico faz referência a sobrecarga de trabalho das mulheres. No quarto item faço a análise dando enfoque as relações de poder entre os gêneros na atividade pesqueira. As produções culturais das masculinidades e feminilidades e as suas representações são analisadas no quinto tópico. Encerro as análises com o tópico “perspectiva”, aonde é levantado questões sobre as expectativas e perspectivas na profissão.

Antes de passar para a identificação das comunidades pesqueiras aonde as entrevistas foram realizadas, considero importante definir algumas palavras que surgiram no transcorrer das entrevistas e, que fazem parte do cotidiano profissional e cultural das pescadoras.

BOTE – barco de pesca em madeira de convés aberto com motor.

CAICO – barco de pesca em madeira sem motor, pode ser movido à vela e/ou remo.

ANDÂNEA – local aonde são colocadas as redes de pesca. Ela é composta por calão/calões”.

AVIÃOZINHO – rede utilizada para pescar camarão.

BARRACO – instalação familiar no acampamento de pesca. Normalmente é em madeira com um ou dois cômodos. É também chamado de varandinha.

CALÃO – é o mesmo que a escora de madeira. São feitos normalmente do tronco de eucalipto ou pinus.

CAÇAPA – é também chamada de alçapão do aviãozinho. É a parte da rede em formato de funil por onde o camarão passa.

LIQUINHO – lampião á gás utilizado normalmente para iluminar a andânea de camarão.

MAR – referência a Laguna dos Patos.

NORTE – referência ao município de São José do Norte.

PADIOLA – é uma espécie de tabuleiro retangular em madeira , utilizado para carregar os apetrechos de pesca.

PARELHA – empresa de pesca artesanal, constituída de bote (s), caico (s), redes e outros apetrechos.

PROEIRA/O – é o pescador que não é o proprietário dos meios de produção. Trabalha para outro pescador como ajudante. Pode exercer algumas tarefas ou todas as tarefas relativas a pesca.

ROUPA DE OLEADO - é a roupa em material sintético utilizada por pescadores. É constituída de calça ou macacão e casaco com capuz.

SAFRA – período da produção de pescado. A safra varia de acordo com o tipo do pescado.

SALGA – empresa que faz o beneficiamento do pescado.

*** **

A pesquisa foi realizada em quatro comunidades pesqueiras distintas do Município de São José do Norte, no período de dezembro de 2010 à março de 2011. Na sede do Município, na Comunidade Pesqueira da Ponta do Mato, na Comunidade Pesqueira da Várzea e na Comunidade Pesqueira da Quinta Secção da Barra. Foram feitas um total de 11 entrevistas e diálogos com duas senhoras filhas de pescadores que relataram a participação das mulheres na pesca na década de 50 e 60.

Na sede do Município foram realizadas entrevistas com duas pescadoras, na Localidade da Ponta do Mato com uma, seis na Comunidade Pesqueira da Várzea e duas entrevistas na Comunidade pesqueira da 5ª Secção da Barra.

A sede do Município, fig. 03, abriga as comunidades pesqueiras mais antigas do município, aquelas originadas dos fundadores das primeiras parselhas do Município. São pescadores que migraram de Póvoa de Varzim, Portugal, entre fins do séc. XIX e meados do séc. XX e se estabeleceram no Rio de Janeiro, Rio Grande e São José do Norte. A Crôa do Cemitério é uma destas comunidades que abriga os descendentes dos primeiros pescadores povoeiros do Município. Estes descendentes são agora conhecido como a turma dos “palhaços”. De todas esta é a comunidade pesqueira de melhor situação econômica. A pesca é realizada em família e os pescadores e pescadoras são donos de suas parselhas⁹.

Nesta comunidade foram realizadas entrevistas com duas pescadoras, Vanda e Luiza. Elas não pescam na sede. Vanda, já está aposentada, mas pescava na Comunidade da Várzea e a Luiza na Comunidade da Ponta do Mato.

Fig. 03 – Sede do Município de São José do Norte

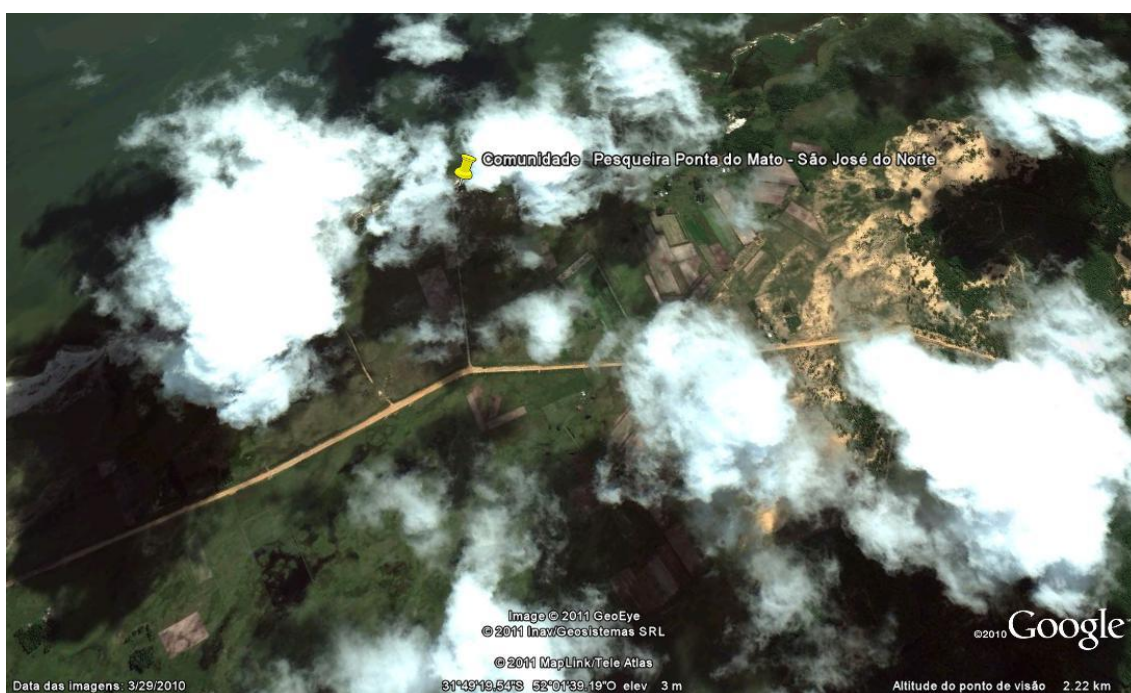


Fonte: Adaptado de Google Eart

⁹ Parcelha é constituída de barcos de pescas, redes e demais utensílios.

A Comunidade Pesqueira Ponta do Mato, fig. 04, está situada à 30 km da Sede do Município, às margens da Laguna dos Patos, à noroeste. Ela tem uma característica impar, é um povoado sazonal, ou seja, se forma somente no período de safra do camarão e tainha, de fevereiro à maio. Neste período, pescadores e pescadoras se transferem juntamente com suas famílias para a localidade. A maioria deles tem sua residência na sede do Município. Montam as “varandinhas”, uma ou duas peças em madeira, que será sua casa nos próximos meses. Foi realizado apenas uma entrevista neste local, com a pescadora Cida que foi indicada pela pescadora Luiza.

Fig. 04 – Comunidade da Ponta do Mato



Fonte: Adaptado de Google Eart

A Comunidade Pesqueira da Várzea, fig. 05, está situada a 35 km da sede do Município, a noroeste, às margens da Laguna dos Patos e, a 5 km da Comunidade da Ponta do Mato. É uma Comunidade fixa, muito organizada, com moradores antigos e famílias tradicionais.

Nesta comunidade realizei entrevista com 6 pescadoras, Vera, Méri, Maria, Vânia, Laura e Léia. Quatro das entrevistadas pediram para ser entrevistadas juntas. Fiz uma dinâmica então, em que perguntava e cada uma dava a sua resposta. Quando a resposta era a mesma uma reforçava a resposta da outra.

Fig. 05 – Comunidade Pesqueira da Várzea

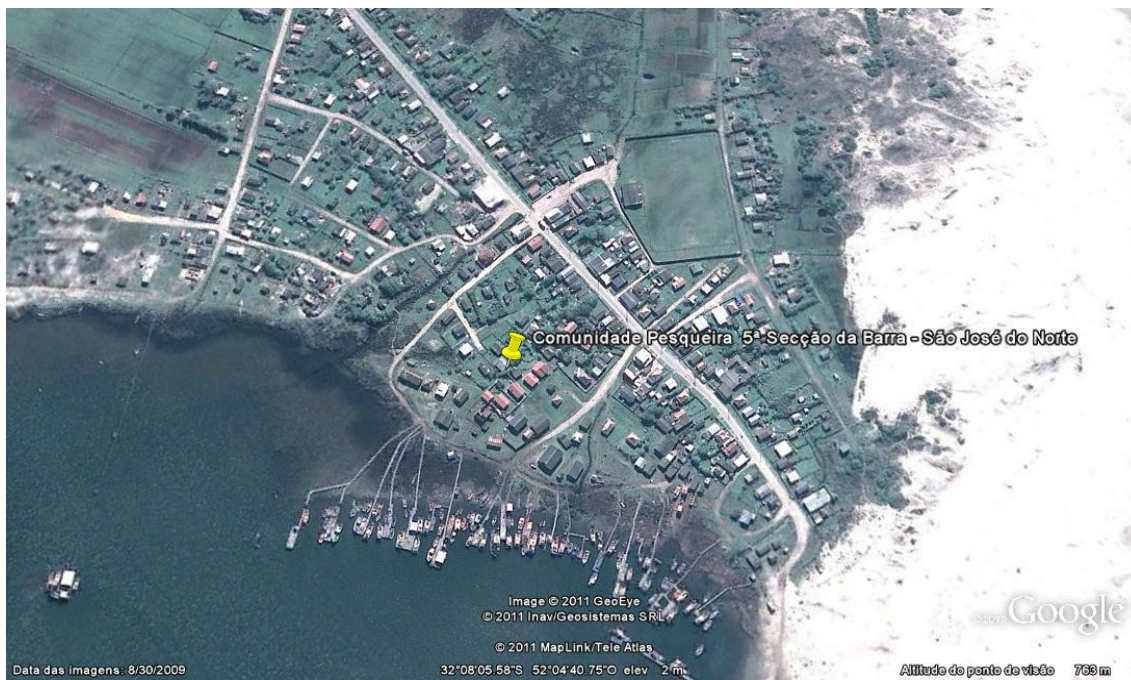


Fonte: Adaptado de Google Eart

A Comunidade da Quinta Secção da Barra, fig. 06, está situada à 17 km da sede do Município, à sudeste, entre a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico. É uma comunidade bastante tradicional no Município.

Nesta comunidade foram realizadas entrevistas com duas pescadoras, Lourdes e Marta. Elas são mãe e filha respectivamente.

Fig. 06 – Comunidade Pesqueira Quinta Secção da Barra



Fonte: Adaptado do Google Eart

3- AS TRIPULANTES NESTA VIAGEM – apresentação das entrevistadas

As pescadoras foram escolhidas de forma aleatória, seguindo apenas as indicações de pessoas que sabiam das suas existências. Normalmente as indicações partiam de outras mulheres que não exerciam a atividade, mas que eram esposas ou mães de pescadores. Os nomes das informantes foram alterados para preservar suas identidades.

A primeira entrevista ocorreu na quarta-feira, dia 29 de dezembro de 2010, no Distrito Sede, na casa da pescadora aposentada Vanda. Uma casa de alvenaria nos fundos de um terreno, espaço semelhante a um cortiço. Fui a casa dela sem avisar, para combinar com ela uma entrevista, mas a mesma se prontificou em realizá-la naquele momento. Vanda tem 56 anos, nasceu no Município de Pelotas, na Ilha da Sarangonha, mora no Centro de São José do Norte há 3 anos, antes morava na Comunidade da Várzea. No município está a mais de 50 anos. Mora com o marido, sua única união estável com quem tem dois filhos. O mais moço que mora com ela e o de 22 anos, que é casado, mora na Várzea. Religião Católica relaxada, segundo ela. Classificou-se como branca. Concluiu o Ensino Fundamental com 53 anos. Trabalhou como pescadora por 40 anos, desde os 8 anos de idade.

A segunda entrevista foi realizada também no dia 29 de dezembro, fora da residência da pescadora, num local conhecido como Crôa do Cemitério. A pescadora Luiza, 37 anos, nasceu e sempre morou em São José do Norte. Reside no Bairro Tamandaré. Mora com o marido(companheiro), sua única união estável, com 6 filhos desta união, 4 meninas, com 20 anos, 16 anos, 9 anos e seis anos e, 2 meninos, com 14 anos e um bebê de 8 meses. Religião Evangélica praticante. Classificou-se como branca. Estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Trabalha como pescadora há 15 anos.

A terceira entrevista foi realizada no dia 08 de março de 2011, na Comunidade Pesqueira da Ponta do Mato. Esta pescadora é muito amiga da entrevistada anterior, da

Luiza. Ela se refere a companheira de profissão em vários momentos da entrevistas. É bastante tímida e consegue notar mais as atitudes masculinas perante a sua atuação como pescadora. Cida, 29 anos, nasceu e mora no Município de São José do Norte, na Comunidade do Retovado, segundo ela ‘lá fora’, designação para quem não mora ou nasceu no Distrito Sede, na cidade de São José do Norte. Mora com o marido, sua única união estável (casada) e duas filhas deste relacionamento. Religião católica, não praticante, cor branca. Estudou somente até a 2ª série. Trabalha como pescadora há seis anos. Ela é uma proeira (empregada). Está embarcada com o marido mas realiza a pesca de camarão sozinha.

As próximas seis entrevistas foram realizadas no dia 08 de março de 2011, na Comunidade pesqueira da Várzea. Estas pescadoras foram indicadas por um grupo de senhoras que estavam fazendo limpeza na Igreja Católica da Comunidade.

Duas das entrevistas foram realizadas na casa da pescadora Vera. Uma casa de alvenaria com vários cômodos, garagem, bem limpa e organizada. Vera tem, 38 anos, nasceu e sempre morou na Comunidade da Várzea, em São José do Norte. Reside no Bairro Tamandaré. Mora com o marido, com quem é casada oficialmente há 22 anos, sua única união estável. Tem 2 filhas desta união e está grávida de 8 meses do 3º filho. Religião Católica praticante. Classificou-se como branca. Estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Trabalha como pescadora há 22 anos, desde que casou.

A próxima entrevistada é a pescadora Méri, ela permaneceu junto com a Vera durante a entrevista, mas estava muito tímida na hora de responder as perguntas. Méri, 41 anos, nasceu na Comunidade do Estreito e se criou lá. Fazem 19 anos que mora na Comunidade da Várzea, em São José do Norte. Sempre morou no Município. Mora com o companheiro, para ela marido, há 19 anos, sua única união estável com quem teve dois bebês, mas os dois vieram a falecer com 8 meses. Religião Católica praticante. Classificou-se como branca. Estudou até a 1ª série do Ensino Fundamental. Trabalha como pescadora há 19 anos, desde que casou.

Méri, ao término da sua entrevista, me acompanhou a uma residência aonde estavam reunidas outras quatro pescadoras da Comunidade. As pescadoras a princípio estavam um pouco tímidas, mas aos poucos foram se descontraindo. A entrevista foi realizada com as quatro ao mesmo tempo a pedido das mesmas.

Maria, 42 anos, nasceu e sempre morou na localidade da Várzea, no Município de São José do Norte. Sua religião é católica. Classificou-se como branca. Mora junta com o seu companheiro há 20 anos, sua única união estável. Tem 2 filhas desta união. Possui o Ensino Médio (fez EJA). Trabalha como pescadora há 15 anos. É proeira do marido. Pesca na localidade da Várzea, ou seja, aonde residem.

Vânia, 39 anos, nasceu e sempre morou na Comunidade da Várzea. É católica. Se classificou como branca. Mora junta com seu companheiro há 22 anos, sua única união estável. Tem 2 filhos desta união. Estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Trabalha como pescadora há 16 anos. É proeira do marido.

Laura, 23 anos, nasceu e sempre morou na Comunidade da Várzea. É católica. Classificou-se como branca. Vive junta com seu companheiro há 5 anos, sua única união estável. Tem um filho desta união. Estudou até a 7ª série do Ensino Fundamental. Trabalha como pescadora há mais de 7 anos. Antes de trabalhar como o marido, já trabalhava como o pai. Ela é proeira do marido.

Léia, 28 anos, nasceu na sede do Município¹⁰ e foi morar na Comunidade da Várzea com 18 anos. É católica. Classificou-se como branca. Vive junta com seu companheiro há 12 anos, sua única relação estável. Tem um filho desta união. Possui o Ensino Fundamental Completo. Trabalha como pescadora há 15 anos. É proeira do marido.

As últimas entrevistas foram realizadas no dia 09 de março de 2011, na Comunidade Pesqueira Da Quinta Secção da Barra. As duas pescadoras são mãe e filha.

Lourdes, 58 anos, nascida na Vila Saraiva, mas no registro de nascimento foi colocado como local de nascimento a Vila do Estreito, em São José do Norte. Mora na Quinta Secção da Barra a 41 anos, desde que casou. Mora com só com o marido, sua única união estável. Tem duas filhas e um filho, todos casados e, são também pescadoras e pescador. É católica, mas frequenta igrejas de outras religiões também. Classificou-se como branca. Era analfabeta, começou a estudar pela primeira vez há 3

¹⁰ É costume dos moradores do Município se referir a quem mora ou nasceu no centro do município que estes são de São José do Norte e os demais seriam “de fora”, “lá fora”, se referindo as pessoas da zona rural ou um em localidades afastadas do “centro”.

anos. Trabalha como pescadora há mais ou menos 39 anos, mas desde os sete anos já pescava com seus pai. Ela é dona da embarcação junto com o marido.

Marta, 35 anos, nascida na Vila Saraiva, em São José do Norte. Mora na Quinta Secção da Barra desde os 4 anos. Mora com o marido(companheiro), sua única união estável. Tem dois filhos desta união, um menino de 18 anos e uma menina de 3 anos. Religião católica, mas raramente vai a Igreja. Classificou-se como branca, de acordo com a mesma “galega”. Estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Trabalha como pescadora há mais ou menos 20 anos, mas desde pequena já pescava com seus pais. Ela é proeira, ou seja, está embarcada (empregada) com o pai dela. A embarcação é do pai, mas é ela quem utiliza. Segundo ela, está tentando fazer uma para ela.

4. OUTROS A NAVEGAR POR ESTAS ÁGUAS

Neste tópico, é apresentado alguns dos trabalhos já desenvolvidos nesta temática. Procurou-se fazer a busca pelas palavras-chaves pescadora, mulher na pesca, pesca no Brasil e mulher pescadora. Utilizou-se como base de exploração o LUME, o SCIELO e o GOOGLE de forma mais genérica. No total foram 17 estudos, sendo que a maioria deles são artigos. No transcorrer deste capítulo alguns serão citados. Optou-se por mencionar duas teses e quatro artigos aqueles que mais se aproximam do objeto de estudo desta pesquisa e um em específico que fala da pesca em São José do Norte. É importante ressaltar que não foi encontrado nenhum estudo no Geerge com este enfoque.

A princípio a busca parecia um pouco complicada, mas após várias tentativas outros “navegantes” começaram a surgir. Um dos primeiros achados foi uma Tese de Doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, que abordava a pesca marinha em São José do Norte, com ênfase na pesca realizada por homens, aonde a participação feminina aparece em um dos capítulos no título, “o trabalho das mulheres”. A pesquisa faz uma breve referência a participação da mulher na pesca e de forma secundária. Descreve como era e não como está atualmente. Num ponto da pesquisa aparece uma referência importante ligando mulher e idoso a fraqueza:

Para os embarcados, enjoar consistia uma “fraqueza”, uma vez que o discurso da força muscular, associado ao trabalho, diz respeito ao ethos masculino, sob o qual giram representações dos pescadores em torno do esforço físico relativo às pescarias. Para suportar o ambiente do barco, era necessário manter-se “forte”, em um contexto de corporalidade mediado pela relação força/fraqueza. (pág.237)

[...] Portanto, a questão de gênero, de acordo com a ordenação do espaço e do trabalho, acomoda os pescadores mais velhos nas funções de redeiros e cozinheiros. No caso do mar, a relação entre o trabalho e vigor/energia associa o “fraco” à mulher e ao idoso.... (pág.240).

GOES, em sua tese de Mestrado em Psicologia, da Universidade Federal de Pernambuco, “Os usos da nomeação *mulher pescadora* no cotidiano de homens e

mulheres que atuam na pesca artesanal”, analisa o uso da terminologia pescadoras e sua referência ao reconhecimento da atividade feminina na pesca nas comunidades pesqueiras Ipioca e Trapiche da Barra no município de Maceió, em Alagoas. As mulheres nestas localidades atuam em todo o processo da atividade pesqueira e, estas são conciliadas com outras tarefas fora desta. As entidades representativas da atividade pesqueira garante o registro profissional de homens e mulheres e o acesso a direitos.

O artigo, *Cambios de tiempo y espacio/cambios sociales, bajo el impacto de la modernización* de Ellen Woortmann, da Universidade de Brasília, faz uma análise da relação entre espaço, construção de gênero e a situação femininas em comunidades de pesqueiras do Rio Grande do Norte. Verifica-se que as pesquisas realizadas nestas comunidades normalmente dão ênfase somente a pesca e a colocando como uma atividade masculina, mas é comum que ocorra juntamente a agricultura e, muitos pesquisadores a colocam como uma atividade masculina. Esta pesquisa privilegia o ponto de vista feminino e analisa a construção do tempo e o espaço por mulheres, como uma está relacionada com a outra, como se relacionam com a condição feminina e como as mulheres se constroem e reconstroem no tempo e no espaço. Os espaços naturais se classificam socialmente em espaços de domínio masculino ou feminino. De uma forma geral, o mar é constituído como domínio masculino e a terra domínio feminino. A condição feminina se (re) constrói no tempo e no espaço. A construção do tempo é também uma construção de gênero. Pois são percebidos através de experiências que são específica de cada gênero, em espaços que também são específicos. Ellen Woortmann, também realizou um outro estudo, no campo da antropologia, no ano de 1991, intitulado “Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste. Ela analisa a relação entre o espaço, a construção do gênero e a condição feminina em comunidades que se identificam como “pesqueira”.

O estudo apresentado por CAVALCANTI, da Universidade Federal da Paraíba, no Fazendo Gênero 8, em Florianópolis em 2008, intitulado “Entre a casa e a pesca: discutindo gênero e pesca feminina no litoral Paraibano”, faz uma análise das relações de gênero na atividade pesqueira no litoral paraibano. Dentro dessas comunidades pesqueiras a divisão de tarefas entre o gênero é bem delimitada. Os homens devem prover a família e as mulheres cabe o serviço da casa e a educação dos filhos em terra.

A pesca é para homens e para a mulher ficam as atividades auxiliares como coleta de mariscos e moluscos, algas, camarão, de uma forma geral o extrativismo, isto como um auxílio no trabalho masculino. A pesquisa aponta modificações no cenário pesqueiro do litoral da Paraíba, mais precisamente em Costinha e Acaú. Observou-se a presença feminina em algumas tarefas antes impensadas, como por exemplo, fazendo parte da tripulação em canoa de rede de arrasto, com força física superior a de seus companheiros e, em mergulho com compressor na captura de lagosta, atividade que exige coragem. Os papéis sociais sofrem transformações, masculinidades são questionadas e redefinidas com a ascensão da mulher nesta atividade. A pesquisa conclui que as distâncias entre mulheres e homens estão menores em relação as tarefas, mas em relação a remuneração elas recebem menos que os homens. São remuneradas como se fossem crianças auxiliando o trabalho masculino. São mulheres que de alguma forma com a sua atitude questionam as estruturas sociais.

Uma outra pesquisa importante apresentada no Fazendo Gênero 8, por BORGONHA, da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada “Mulher-pescadora e mulher de pescador: a presença da mulher na pesca artesanal na Ilha de São Francisco do Sul, Santa Catarina”. O estudo desenvolvido nas comunidades pesqueiras de Laranjeiras e Enseada, em São Francisco do Sul, litoral norte de Santa Catarina. Faz uma descrição das atividades realizadas por mulheres nestas comunidades. Em Enseada foi constatado a presença das mulheres em tarefas como a manipulação e venda do pescado. Homens e mulheres, estas em reduzido número, estão inseridos num mesmo ambiente que é a Casa do Pescador. Este é barracão de pesca e estabelecimento comercial. A presença de mulheres e homens é verificado no estabelecimento de beneficiamento e comercialização do pescado. Nota-se uma clara distinção das tarefas masculinas e femininas. Os homens dominam a pesca da tainha, as mulheres normalmente os acompanham e esperam o seu retorno da pescaria para pesar, contar, distribuir e vender o pescado. Verificou-se que na Baía de Babitonga, três mulheres eram consideradas mulheres-pescadoras, pois elas não dependiam dos maridos e praticavam todas as etapas da atividade pesqueira, e uma delas ainda fazia o beneficiamento do produto capturado. A pesquisa demonstrou que as pescadoras acumulavam outras atividades, como trabalhos domésticos em outras residências e estabelecimentos comerciais. A pesquisa mostrou que dentro da baía as mulheres realizavam praticavam as tarefas pesqueiras que antes eram praticadas só por homens e

em Enseada elas faziam a manipulação e comercialização do pescado. A pesquisa constata que a baía é considerada um espaço protegido (mar de dentro), possível para as mulheres, não é um mar aberto, perigoso, e por isso reduto masculino. Constatou-se também que a maioria das mulheres não são sócias da colônia de pescadores e não tem os direitos da sua atividade assegurados. São duas as formas de participação da mulher na pesca, como mulher de pescador e mulher-pescadora.

É importante destacar que não foi encontrado nenhuma pesquisa que tenha como enfoque central o estudo de gênero na atividade pesqueira do Município de São José do Norte. As pesquisas com a abordagem de gênero estão mais avançadas em Santa Catarina, em alguns Estados da Região Norte e em Estados da Região Nordeste.

A iniciativa desta pesquisa, com as pescadoras do Município de São José do Norte, pretende incentivar estudos mais aprofundados nesta temática no Rio Grande do Sul.

5. GÊNERO, MASCULINIDADES E RELAÇÕES DE PODER – abordagem conceitual

Neste capítulo é apresentado os conceitos centrais para o desenvolvimento do objeto de pesquisa. Faz-se uma abordagem conceitual dos termos gênero, masculinidades e relações de poder numa perspectiva dos estudos culturais, sob a ótica do pós-estruturalismo. Esta abordagem é essencial para o estudo da inserção das mulheres pescadoras em águas masculinas.

Seguindo esta postura, procura-se desestabilizar o estabilizado, romper verdades ditas e não ditas, desestruturar o estruturado, abalar a normatividade que teima em perpetuar no setor pesqueiro de um município regido por uma estrutura tradicionalmente patriarcal das relações de gênero.

Os conceitos serão apresentados e relacionados entre si para uma melhor análise do objeto de estudo.

A princípio vou me ater ao conceito de gênero, fazendo um recorte para abordar o conceito de masculinidades, pois este permeará minhas análises.

Emprego aqui o conceito de gênero como um construto social que se reflete nas produções de masculino e feminino e as várias formas de vivê-las. O biológico inscreve nos corpos o sexo, mas o gênero é produzido social e culturalmente e varia de uma cultura para outra. A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. (LOURO, 2008, p.18). As formas de se fazer feminino ou masculino são ditadas pela sociedade. A normatividade tenta justificar que homens e mulheres são diferentes em função de sua matriz biológica. Definem papéis a serem exercidos por homens e mulheres. Diferem a partir de suas características físicas machos e fêmeas. Aonde o

macho seria o mais forte, o mais resistente e o mais capaz. A fêmea mais fraca, frágil, menos capaz e necessitando de proteção de um macho.

Problematizar a noção de que a construção social se faz *sobre* um corpo significa colocar em questão a existência de um corpo *a priori*, quer dizer, um corpo que existiria *antes* ou *fora* da cultura. A identificação ou a nomeação de um corpo (feita no momento do nascimento, ou mesmo antes, através de técnicas prospectivas) dá-se, certamente, no contexto de uma cultura, por meio das linguagens que essa cultura dispõe e, deve-se supor, é atravessada pelos valores que tal cultura adota. Nesse sentido, seria possível entender, como fazem algumas vertentes feministas, que a nomeação do gênero não é, simplesmente, a descrição de um corpo, mas aquilo que efetivamente faz existir esse corpo – em outras palavras, o corpo só se tornaria inteligível no âmbito da cultura e da linguagem. (LOURO, 2008, p.209)

A nomeação e classificação como macho e fêmea, feita culturalmente através dos anos, produz e sustenta as masculinidades hegemônicas. O padrão de masculinidade produzido dita para os homens como devem ser seus corpos, atitudes, comportamentos, como vestir e se relacionar. Os homens devem ser fortes física e emocionalmente. Como nos diz Grossi, a agressividade masculina é vista positivamente pela sociedade como característica de sua identidade de gênero.

Mas, para a constituição do modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura, atividade não diz respeito apenas à sexualidade; ela é também percebida positivamente como agressividade. Já na constituição da identidade de gênero na infância, observamos como o masculino se constitui pela hiperatividade dos meninos, que se confunde seguidamente com agressividade. (GROSSI, 2004, p.7)

A construção das masculinidades pela sociedade patriarcal produziu sérias desigualdades de gênero. A sociedade define o que é papel masculino e feminino. Quem foge dos papéis ditos “normais” é, muitas vezes, excluído, rejeitado.

De acordo com Louro (2010), “as inscrições de gênero – feminino e masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com a marca dessa cultura”. A partir dessas considerações é possível falar sobre as representações das masculinidades. Características femininas e masculinas não são determinadas apenas pelo sexo, pelo biológico. Existem várias formas de ser feminino ou masculino. As marcas inscritas nos corpos desde o nascimento vão produzir os gêneros. A masculinidade hegemônica dita o que é normal, o que é aceitável para um homem e para uma mulher. A sociedade tende a classificar, a massificar, a

universalizar, e como diria Foucault, “vigiar e punir”. Os homens e mulheres são plurais. São homens e mulheres com identidades múltiplas e transitórias. Com isso machos e fêmeas podem possuir características físicas, psicológicas ou mesmo exercer papéis considerados masculinos ou femininos sem que haja aí uma definição da sua sexualidade. “A masculinidade hegemônica não se refere unicamente aos comportamentos masculinos da maioria das pessoas, mas sim a um comportamento que pode ser encontrado em homens ou mulheres, pois uma pessoa de qualquer sexo pode comportar-se de forma masculina ou feminina.” (SARTORI, 2008, p. 35). Seffner (2003) conclui, “as questões de gênero estão vinculadas àqueles comportamentos, atitudes e modos de ser masculino ou feminino.”

Ao falar de gênero não se pode deixar de lado o aspecto relacional. O masculino e o feminino relacionam-se, constroem-se, afirmam e reafirmam-se, instituídos por relações de poder.

[...] caráter relacional do conceito de gênero, ou seja, a noção de que feminino e masculino se constroem em relação e são significados mutuamente dependentes. As noções de feminino e masculino são construídas no interior das relações de poder. É nesse sentido que muitos trabalhos indicam a necessidade de rejeitar a oposição binária singular, ou seja, a oposição homem/mulher, masculino/feminino, cujo caráter fixo e permanente aponta para uma hierarquização atemporal e universal. Propõem ainda uma implosão de cada um dos pólos, que repousam na idéia de identidades masculina e feminina idênticas a si mesmas. Esse desdobramento exige que consideremos a relação entre masculino e feminino tanto quanto a impossibilidade de definir, isoladamente, cada uma dessas categorias. A noção de poder possibilita ainda deslocar as análises dos pólos homem x mulher para considerar que as identidades masculinas e femininas são produzidas e transformadas numa articulação de gênero com outros marcadores sociais (classe,raça/etnia, sexualidade, nacionalidade, geração, etc.) a partir de uma escala hierarquizada e múltipla em que os significados vão se produzindo conforme os grupos sociais em questão. (DAL IGNA, 2005, p. 61)

A sociedade produz e reproduz masculinidades hegemônicas. Estas são representadas pelo homem branco, de classe média, forte, viril e heterossexual. “A força do patriarcado caiu sobre as mulheres, mas obviamente afetou também definições de masculinidade. Os homens independentemente da personalidade de cada um, deveriam assumir os papeis de dominantes.” (STEARNS, 2007, p.34).

A partir deste contexto podemos então falar das relações de poder entre os gêneros que se articulam na atividade pesqueira. Para isso tomo aqui as considerações de Foucault, 1988:

[...] o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio as relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimento, relações sexuais), mas lhes são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdade e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações; as relações de poder não estão em posição de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor;... as relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e subjetivas... que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder [...] (FOUCAULT, 1988, p. 89-91)

As relações de poder são travadas no âmbito social, familiar, sexual e profissional. Partindo da consideração de Foucault sobre as relações de poder, não podemos então tomar os homens como vilões e as mulheres sempre como vítimas, já que as relações de poder não vem de cima para baixo e suas posições não são fixa entre os gêneros.

A partir da apresentação dos conceitos centrais que permearão as análises das entrevistas, será abordado no próximo capítulo conceitos e a legislação relacionados a atividade pesqueira e a atividade profissional de pescadoras e pescadores para tentar identificar e analisar as diferenças e desigualdade de gênero no setor pesqueiro.

6. PESCA ARTESANAL, PROFISSIONAIS E LEGISLAÇÃO

Neste tópico abordarei alguns conceitos referente a atividade pesqueira. A definição de pesca, pesca artesanal, quem é considerado profissional desta atividade e alguns aspectos referente a legislação que regulamenta a atividade profissional e os pescadores e pescadoras.

Pesca de acordo com o a Lei 11.959, de 29 de junho de 2009, em se capítulo I é, “toda a operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros”. Além disso, a Lei no seu Artigo 4º, dá ênfase ao que é considerado atividade pesqueira, “compreende todos os processos de pesca, exploração e exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros”. O parágrafo único do referido artigo complementa, “consideram-se atividade pesqueira artesanal, para os efeitos desta Lei, os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal.

A mesma Lei no Art. 8º define Pesca Artesanal como sendo a atividade com finalidade comercial “praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte”.

As mulheres, desde o período colonial, já exerciam a atividade como pescadora, mas as tarefas realizadas por elas e por seus maridos e filhos não era regulamentada como atividade profissional. Quando a pesca deixa de ser uma atividade de subsistência do grupo familiar para ser considerada profissão, as mulheres são desqualificadas de exercer a atividade como profissão, já que a regulamentação da mesma era para o gênero masculino.

É somente, a partir da década de 60, coincidindo com o período das lutas sociais feministas, que as mulheres passam a participar politicamente das entidades que

representam a atividade pesqueira. Mas a sua participação “enquanto produtoras e profissionais do setor pesqueiro, ocorre no final da década de 1980 e início da década de 1990” (GOES, 2008, p. 63).

Goes (2008), aborda a questão da regulamentação da atividade profissional das mulheres pescadoras, “Projeto de Lei apresentado no dia 8 de março de 2006, pela Deputada Federal Luci Choinacki e outros, ainda em tramitação na Câmara dos Deputados, pede a equiparação da mulher que exerce atividade pesqueira e da marisqueira artesanal em regime de economia familiar à condição de pescador artesanal, para efeitos previdenciários e de seguro desemprego, e altera o Decreto-lei nº 221/67 e as Leis nº 10.779/03; 8.212/91 e 8.213/91.

Em 2004, o Governo Federal realizou um encontro das mulheres pescadoras na I Conferência da Pesca. Neste encontro elas debateram temas referentes a sua atividade e aos problemas enfrentados por pescadoras e pescadores artesanais. O resultado desse primeiro encontro foi a fundação em 2006 da Articulação Nacional das Pescadoras (ANP). A ANP luta pelos direitos da mulher pescadora a nível nacional. Reivindica acesso das pescadoras a legislação trabalhista, previdenciária, saúde, melhoria no processo produtivo e o reconhecimento das mesmas como profissional.

A Lei 11.959/09 considera como pescador profissional “a pessoa física, brasileira ou estrangeira residente no País que, licenciada pelo órgão público competente, exerce a pesca com fins comerciais, atendidos os critérios estabelecidos em legislação específica.” Esta Lei não faz referência as mulheres, elas estão invisibilizadas. Sempre é feita referência ao termo “pescador”, “o profissional”. O que faz com que as mulheres possam ser regulamentadas são termos como “pessoa física” e as atividades tarefas exercidas por elas na atividade pesqueira já que a legislação é clara quando define a atividade utilizando termos como “extrair”, “colher”, “apanhar”, “apreender”, “capturar”, além da “confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal”.

O Estudo feito com as pescadoras do Município de São José do Norte deixa claro que boa parte das entrevistadas não tem conhecimento dos seus direito e não os reivindica. Algumas, mesmo fazendo as tarefas que as qualificam como pescadora, não

possuem o RGP¹¹. As entrevistadas fizeram referência aos problemas enfrentados com relação ao Seguro Defeso¹², Colônia de Pescadores e Matrícula de pesca.

[...] na hora que agente vai faze o seguro e muitas vezes a gente não tem prioridade. Porque tem que depende de muitos e muitos, de outros, de outros e de outros pra te ajudarem pra recebe esse seguro, sabendo que agente tem direito i tu depende desse, e esse passa pra esse e esse passa pra quele e não é assim e aí passa três dia pra pode encaminha o seguro, ou um documento, uma renovação numa carteirinha....É tudo muito difícil, pra vê que hoje agente não recebe mais a licença de pesca. Perdemo a licença. É que mulhe não tem o direito da licença. É que mulhe pra te a licença de pesca ela tem que se aquela mulhe que vai com o marido sempre, não é o nosso caso que ficamo em casa, que não vamo todo o dia. Tem que se aquela mulhe assim, que vai todo o dia. Ai ela exerce a profissão 24h ela tem a matrícula... Nós não temo a matrícula. (Maria)

Nóis dependemo da matrícula deles né, sempre foi assim. Tem muitas mulhe que tem a matrícula, não é no caso que são todas né. Ai essas no caso, elas tem que faze tudo que um home faiz no mar porque ela tem a matrícula né”. No caso nós, os nossos maridos nós dependemos das matrículas deles. Ele paga a colônia como nós então pra qualque coisa que nós precisa de médico, dentista. E aí agente pode te o convênio junto com ele da colônia. Mais se nós precisa faze a renovação da carteirinha, tira uma “liti” nova, nós temo que paga a nossa colônia, só que nós paguemo a mesma coisa que o marido paga mais a nossa colônia não vale pra nada. (Vânia)

O que eu queria é que eles liberasse a minha licença, que é um troço que eu preciso e eu gosto desta atividade. É um troço que eu já gosto. Um pouco é pra pessoa já ajuda, que o dinheiro que vem já é uma ajuda né. Pescado mesmo o dinheiro já é sempre poço é é um troço que eu já gosto também. A minha licença eu não queria que eles trancasse que daqui uns dois ou três anos eu queria consegui um dinheiro pra faze uma embarcação pra mim mesma. Vai trabalha eu, o meu esposo, o meu guri. Que diz que eu já tenho que te todo os documento que seje meu... A Juma (Ministério do Trabalho) teve aqui em casa, levei eles na embarcação e tudo. Ai até depois em seguida ela libero meu seguro, que não tavam liberando por causa da licença trancada. Ai ela me deu uma baita de uma força a Gilma do Ministério do Trabalho. Agora o que tá me trancando é a licença. Eu vo precisa dela pra trabalha com ele. Eu vo precisa mesmo dela agora... Eu acho que o IBAMA as mulhe que gosto de pesca eles ero pra libera. As que gosto de pesca mesmo era pra te licença liberada e facilidade. Agora não. Tá tão difícil pra consegui a licença...Elas dissero pra mim que o foro da Lagoa não libero nem a minha nem a da minha irmã. Tem que comprova mesmo que pesca. Eu já disse pra eles, vamo lá que eu levo

¹¹ RGP é o Registro Geral da Pesca.

¹² Seguro Defeso é o seguro recebido por pescadores e pescadoras no período de “Defeso”. A Legislação que regulamenta a pesca define defeso como “a paralisação temporária da pesca para a preservação da espécie, tendo como motivação a reprodução e/ou recrutamento, bem como paralisações causadas por fenômenos naturais ou acidentes.”

vocês na embarcação levo aonde tem minhas andânea e tudo né...O IBAMA disse pra mim, as que não pesco ralo as que pesco. (Marta)

A dificuldade encontrada na busca por legalização, assistência e reconhecimento, verificado no relato das entrevistadas, é confirmado pela Presidente da Articulação Nacional das Pescadoras (ANP), Martilene Rodrigues, quando aponta as barreiras encontradas pelas pescadoras:

No enfrentamento da desconfiança e discriminação dos órgãos públicos quando as mulheres buscam adquirir carteira de pescadoras (RGP -Registro Geral de Pesca) ou quando procuram os direitos previdenciários no INSS. Muitas vezes as mulheres são obrigadas a trabalhar mesmo doentes ou passam por muitas privações quando não podem pescar por problemas de saúde, porque o INSS não reconhece seus direitos. Além disso, enfrentam uma verdadeira “via crucis” para conseguirem aposentadoria ou outros benefícios sociais e direitos trabalhistas. (RODRIGUES, 2010, p.3)

Observa-se, que não há no Município de São José do Norte uma entidade representativa das mulheres pescadoras, para auxiliá-las na regulamentação da sua atividade e reconhecimento profissional. Das 11 entrevistadas, só uma declarou participar de encontros e atividades que debatem os problemas relacionados a pesca.

A evolução do número de mulheres na pesca requer uma maior organização sindical das mesmas para fortalecer as reivindicações da Articulação Nacional das Pescadoras.

De acordo com o Boletim Estatístico da Pesca e da Aquicultura, há no Brasil um total de 833.205 profissionais exercendo a atividade pesqueira. Destes 63,2% são homens e 36,8% são mulheres. No estado do Rio Grande do Sul o percentual de mulheres é de 26% e homens 74%. A equidade de gênero no Registro Geral da Pesca ocorre na Região Nordeste. A média da Região é de 41,9% mulheres para 58,1 homens. No Estado de Sergipe percentual de mulheres supera o de homens, são 50,3%, pescadoras, para 49,7% pescadores. Se formos nos deter em números brutos, o Pará é o Estado que apresenta o maior número de pescadoras registradas, são 64.936 mulheres, representando 38,8% do total de profissionais do Estado.

A maior disparidade entre os gêneros na atividade pesqueira ocorre no Sudeste brasileiro, dos 87.940 profissionais registrados, 78% são homens e 22% são mulheres.

7. MULHERES EM ÁGUAS MASCULINAS

7.1. Inserção e Trajetória

A atividade pesqueira é uma atividade muito tradicional no Município de São José do Norte e, é tradicionalmente o reduto masculino. A presença feminina, normalmente, ocorre em família, acompanhada dos pais, maridos e filhos. Mulheres que pescam sem a presença masculina são “espécies raras” no Município e normalmente geram um certo desconforto e abalam estruturas da patriarcal das relações de gênero. já passou por muitas transformações.

A pesca é uma atividade eminentemente masculina. Essa afirmação é um consenso na literatura acadêmica que trata da temática pesqueira. As variáveis, força e resistência, se apresentam no discurso como características masculinas e legitimam ideologicamente os homens enquanto agentes capazes. (CAVALCANTI, 2008, P.2)

A pesca artesanal no Município, assim como no Rio Grande do Sul e no restante do Brasil, é realizada normalmente em família. É uma economia familiar oriunda de um sistema patriarcal e transmitida de pai para filho.

A atividade de pesca artesanal no estado do Rio Grande do Sul costuma ter início na infância, em continuidade à principal atividade e/ou profissão dos pais, sendo o conhecimento transmitido de pai para filho ainda na infância. Há considerável atuação das mulheres na atividade pesqueira, inclusive profissionalmente documentadas. Mesmo quando não profissionalizadas, desempenham importante papel na pesca, acompanhando seus maridos na embarcação, confeccionando e/ou reparando os materiais de pesca e preparando o pescado para a venda (BOTERO E GARCEZ, PG. 22, 2005).

As mulheres se inserem neste contexto a muito tempo, desde a chegada dos primeiros povoeiros¹³ no Município. A invisibilidade das mesmas é fruto de uma construção cultural que a diferencia pelo seu biológico. Culturalmente os sistemas

¹³ Povoeiro são os imigrantes portugueses que vieram de Póvoa de Varzim e introduziram a pesca no município de São José do Norte.

patriarcais enfatizavam a fragilidade das mulheres e sua inferioridade. (STEARNS, 2007, p.33).

A mulher na atividade pesqueira é vista como um apêndice do homem. Uma mera ajudante para exercer as atividades secundárias. As mulheres são consideradas fracas, frágeis, delicadas e a atividade pesqueira então não seria possível para as mesmas. De um modo geral, a elas eram relegadas as tarefas que exigissem menos força física. As mulheres, que rompiam ou rompem esta norma, não eram bem vista pela sociedade, já que estavam realizando uma profissão tradicionalmente masculina.

A inserção das mulheres no setor pesqueiro ocorre naturalmente e, principalmente por questão financeira. A pesca artesanal no município, assim como no restante do Brasil, é exercida, na grande maioria das vezes, pelos membros da família. Passa de pai para filho e muitas vezes, na falta deste, para a esposa e filhas.

É possível verificar na fala das entrevistadas que a inserção delas na atividade pesqueira se dá de forma natural e a partir da necessidade de ajudar a família. O início na atividade se dá por meio da figura masculina do pai, marido ou num caso específico do tio.

Eu aprendi a trabalha na pesca assim foi com o meu tio. Que a minha história se fo conta minha história mesmo de que nós lá na minha mãe, a minha mãe fico viúva com 5 filha. Tudo mulhe. O meu pai morreu afogado na água pescando. Meu pai era pescador. Ele vinha de Pelotas com o bote carregado de peixe e caiu na água e não conseguiu se salva né. E aí a minha mãe fico com nós tudo pequena. Eu tinha 7 anos e fico com quatro menor e tava grávida de uma irmã minha. No caso assim oh, o meu pai morreu no dia 27 de agosto e a minha irmã nasceu no dia 15 de setembro. Então nós tivemos que cedo pega a trabalha pra ajuda a mãe né. Ajudá na casa. Foi assim que eu iniciei. (Vanda)

Aqui na praia mesmo é desde de que nem essas guriazinha ai né. Desde criança com pai, ai depois eu me casei com pescador né, tive as minhas filha e depois ele resolveu faze essa parrelhinha pra mim, na beirinha da praia. Até a Luiza (se referindo a outra pescadora entrevistada) que me conseguiu as andaninha ali perto dela e ai eu até hoje eu to pescando. Sempre na pesca mesmo... Quem me ensino mesmo foi o meu marido. A maioria das coisa que eu sei hoje foi ele que me ensina. Rema mesmo era difícil eu rema, ele me ensino até eu aprende a rema. Até hoje assim quando dá vento de mais eu tenho medo de i né, as veis até pego carona o desço n'água e faço que nem a Arlete, vo puxando o caico. Não que eu aprendi mesmo a rema. Mais remo. Dá pra quebra meus galho. (Cida)

Vendo os marido faze. (Maria)

São 39 anos vivendo da pescaria. Meu pai era pescador, agora não é mais, já é aposentado. Mais agente sempre viu o que eles fazia né, e foi aprendendo aos pouco. (Vânia)

Eu iniciei porque achei que tinha que ajuda o meu esposo né. Se agente não ajudasse ficaria mais difícil né. (Méri).

As pescadoras iniciaram sua atividade profissional ajudando os pais ou maridos. Elas começam com tarefas mais fáceis como carregar redes e outros apetrechos até a praia e lavar embarcação. São as chamadas tarefas secundárias. Exercem a função de proeiras do marido. É a necessidade ou mesmo o gosto pela a atividade que faz com que elas passem a exercer outras tarefas antes impensadas para as mulheres como é o caso de ir efetivamente pescar, passar a noite fora de casa.

Eu já fiz muita coisa (sorriso), muita coisa de pesca. Lavava embarcação, lavava as banhera, as caixa, o bote. Que quando a gente termina de pesca é obrigado a lava as banhera pra não fica com mal cheiro... Já fiz muita coisa, lavava rede. A gente é obrigada a lava a rede pra não fica com lama. Fiz muita coisa, desmalhava o peixe, larga a rede na água e desmalho o peixe. A gente puxa a rede pra dentro da embarcação. Puxava o chumbo, ai desmalhava o peixe, bota o peixe no bote e bota a rede na água de novo. Áh! Coisa mais boa trabalha. Só o bagre, o bagre eu desmalhava mas tinha medo. Já fiz tanta coisa na minha vida que já nem sei que tanta coisa que fiz. Pesquei, pulava banco que nem homem... pescava no mar e pulava banco bem no mar. Não caminhava que nem gente, eu pulava dum banco pro outro . Pulava banco direto que igual homem. Puxava aquela rede de pedra que era umas pedrona. Era umas pedrona. Quando o peixe tá no fundo é obrigada a bota rede pesada pra i pro fundo né... Trabalhava igual homem. Tá loco, já fiz tanta coisa na minha vida , pescaria. Por isso que eu não abandono a pescaria. Eu me sinto doente de não i pro mar assim. Isso ai a gente se acostuma. Sei eu, é costume da gente. Não sei a gente sente falta, sente, não sei a gente sente falta mesmo daquele troço ali. (Lourdes)

Largo rede, colho rede, safo peixe.(Marta)

Agente ia pro mar, ficava, principalmente na época do camarão né, carregava rede para a praia de carro de mão, carregava liquinho até o caico, esgotava os bote, esgotava os caíco. Na Lagoa botava rede. (Vanda)

Tem que baxa a rede né, limpa a rede, depois levanta tudo pra não suja muito, bota os liquinho cada um no seu devido lugar. De noite só abaxa tudo e dexa pescando. Ai de manhã levanta e tira o camarão e levanta, limpa bem limpinho e levanta tudo pra cima de novo. Aí depois eu escolho, boto nas banhera, peso e entrego pra comprador. (Luiza)

As mulheres entrevistadas realizam a pesca de camarão, tainha, corvina e bagre na Laguna dos Patos. Algumas ainda tiram carne de siri e descascam camarão para vender. As pescadoras Luiza e Cida se mudam com a família para o acampamento de pesca na Comunidade da Ponta do Mato. O máximo que elas ficam fora de casa durante a pesca é uma noite. Somente a pescadora Méri relatou ter ficado mais de três noites

fora de casa, mas sempre na companhia do marido e outros homens que são proeiros.¹⁴ Ela dorme numa barraca de madeira dentro do bote (barco de pesca).

A partir da inserção familiar na pesca, aliado a situação financeira da família, a mulher passa a realizar tarefas do universo masculino, tarefas que normalmente requerem força física ou mesmo coragem. Ela passa também a realizar a atividade sozinha, sem a presença masculina e a invadir o proibido reduto masculino. A pescadora Luiza têm a sua própria andênea de camarão, é dona de todos os apetrechos de pesca, realiza a atividade sozinha e tem muito orgulho disso. Ela não é proeira do marido, mas o ajuda. A única pesca realizada por ela é a do camarão entre os meses de fevereiro a abril. Cida além de ser dona da sua andênea de camarão, ela é proeira do marido em outras safras, como de corvina, tainha e linguado. “Eu sozinha. Quando ele pesca corvina ai eu vo com ele. Linguado, corvina e a tainha as vezes eu vo com ele.” (Cida).

Em que sentido percebe-se a emergência do elemento feminino? No sentido de se perceber em alguns espaços a presença de mulheres onde até então seria inaceitável como, por exemplo, numa tripulação de oito pessoas dentro de uma canoa que pesca de arrasto na praia na comunidade de Costinha. Ou em um mergulho de compressor na captura de lagosta na comunidade de Acaú. (CAVALCANTI, 2008, p. 4).

A Divisão de tarefas e o tipo de pesca realizada é dada em função do gênero. Carregar apetrechos de pesca até a praia, escolher o pescado, tirar carne de siri entre outras tarefas mais leves, são tarefas autorizadas para mulheres. Pescar efetivamente é tarefa autorizada para os homens.

Nas sociedades tradicionais, o gênero é marcado por tarefas exclusivas de homens e mulheres. Assim, no mundo industrial, os homens estavam ligados à esfera da produção enquanto as mulheres à esfera da reprodução (tanto no que se refere aos filhos, quanto nos trabalhos domésticos necessários à reprodução da força de trabalho). Nas sociedades camponesas, as tarefas são divididas em trabalho de mulher e em trabalho de homem. A divisão sexual do trabalho é transmitida de geração em geração pelo aprendizado dos meninos com os homens e das meninas com as mulheres. (GROSSI, 2004, p.16.)

Das onze entrevistas realizadas, somente a pescadora Lourdes já pescou no Oceano. As outras pescadoras só pescam na Laguna dos Patos, no mar de dentro de

¹⁴ Proeiro é um empregado.

acordo com a literatura da pesca. O mar de fora representaria o oceano. No caso de São José do Norte fora da barra.

La clasificación del espacio natural es también una clasificación de espacios sociales y de dominios pertinentes a cada género. En un plano más general, el mar es percibido como dominio del hombre, en oposición a la tierra, dominio de la mujer. No obstante, esa clasificación bipolar se relativiza y se descompone en otras oposiciones de menor escala. El mar se subdivide en *mar de afuera*, *mar alto*, o *denso*, espacio Del trabajo masculino por excelencia, y en *mar de dentro* (entre la playa y los arrecifes) donde tanto hombres como mujeres ejercen actividades productivas. La tierra, a su vez se subdivide tradicionalmente entre el espacio de la agricultura y la playa, el primero concebido como esencialmente femenino, y el segundo como un espacio intermedio donde, tal como en el *mar de dentro*, trabajan tanto mujeres como hombres. El espacio, por ende, no permaneció siempre el mismo, aunque en el plano del discurso público La oposición Tierra/Mar, como espacios de género, tienda a mantenerse. (WOORTMANN, 2007. Pag. 1)

Esta divisão do ambiente de prática da pesca em mar de dentro e mar de fora é, nos estudos de gênero, uma visão clara da construção cultural, do que é permitido para mulheres e para os homens. É uma visão biologista de que os atributos físicos determinam o que pode ou não ser realizado pelas mulheres. Nesta ótica, o mar de dentro é o espaço “permitido para mulheres”. O mar de fora é o “reduto masculino”, requer força e coragem.

Eu já pesquei até lá fora no oceano... Lá fora no oceano eu pescava. Meu marido não queria i e eu fazia ele i. Ai ele saia meio brabo, meio coisa, porque o bote era pequeno. Mas ai graças a Deus nunca aconteceu nada com a gente. ...Áh, lá fora era bom de pesca. Áh, lá era bom. (sorriso estampado no rosto)... A gente passava com o bote na barra ih (fez o movimento da onda com a mão) – Perguntei se não dava medo – “Dava nada. Ele subia, quando subia o da gente o outro descia, a senhora não via. Ai subia outro. Áh, coisa mais boa. E nunca enjoei, nunca tomei remédio... (Lourdes)

Uma passagem importante a frisar na fala da pescadora Lourdes é o fator “enjôo”. No universo masculino da pesca o enjoar no mar representa fraqueza e esta não é uma característica masculina e sim feminina, pois representaria uma fragilidade.

As mulheres pescadoras, sempre que perguntadas por fatos que mais marcaram ou o que mais gostam na profissão, relatam a captura de pescado como destaque. Estas narrativas confirmam a produção efetiva da atividade pesqueira como profissão no universo feminino. A inserção foi a partir da família, mais o gosto pela atividade faz com que elas já se considerem parte da pesca e a pesca introduzida na sua atividade, não

só à nível financeiro para ajudar a família, mas como profissão que as satisfazem como pessoas e profissionais.

É, só assim quando agente pega bastante né. Que chega na rede e tem bastante camarão. Tem assim uns três ano atrás eu acho, nós chegemo na rede, que aí o meu marido até foi comigo né. Ele foi lá pra nós olha comé que tava. Chegemo lá a rede tava estufada. Sessenta quilo numa rede só. Báh, foi lindo né, bota pra cima, puxa, custemo os dois. Ele me ajudo, foi me ajudá né, porque sozinha não conseguiria bota pra dentro do caico. Puxemo um de cada lado e custemo. Consiuimo coloca. Agente tira a cordinha e espalhava, tudo limpinho. A coisa mais linda de se vê nossa.. “É tira o camarão de dentro das rede. Chega ali que ela tá limpinha, só camarãozinho limpinho, chega escorre de um lado ao outro, a coisa mais linda de se vê. (Luiza)

Eu acho pra mim que o que eu mais gosto na profissão é quando a gente pega bastante pescado. (Maria)

Ai sim agente tem o praze de lá e vê, pesco, ganho. (Vânia)

Pesca, não adianta... Eu largo toda a lida da casa pra pesca. Eu gosto mais do peixe. Não, eu gosto mais de larga a rede na água, que tem que larga a rede na água pra vim o peixe né. Mais quando a gente puxa a rede e vê o peixe a gente gosta. Desmalhá o pexinho, coisa boa, mais báh!!! (Lourdes)

Gosto de safa o peixe, descarrega o peixe, quanto mais mato melhori é... Quero só tainha. Tainha malha mais e que a curvina, curvina já é lento. Tainha corre mais. (Marta)

7.2. Pesca pra homem? Peixe para mulher?

A inserção das mulheres em ambientes legitimados como masculinos, redefine os papéis sociais de gênero. As mulheres passam a desempenhar vários papéis. Deixam de viver somente no ambiente doméstico para ocupar o sistema produtivo também. Tarefas masculinas passam a ser realizada por mulheres. “Alguns discursos masculinos a respeito da força como variável masculina e que legitimaria o homem enquanto agente produtor uno e naturalmente inclinado pra pesca se desfaz a um olhar mais atento.” (CAVALCANTI, 2008, p. 5). Discursos tanto masculinos como femininos deslegitimavam as mulheres como seres capaz de realizar tarefas que exigissem força física e coragem. Consideravam a pesca como atividade masculina e que os peixes eram para mulheres, ou seja, que as mulheres eram capazes de exercer apenas tarefas mais delicadas como escolher o pescado, limpá-lo, tirar carne de siri, entre outras.

As veiz tem mulhe que diz assim, que ti falo assim: ah não sei pra que trabalha nu mar, já tem o marido, pra que vocês trabalha nu mar . É que agente gosta né. Além de ajudá na casa agente gosta, também vim pra praia e passa o dia nas varandinha sem faze nada fica, pra mim não me serve, não gosto de tá parada. Mais eu gosto de pesca. (Cida)

Algumas pescadoras percebem estar exercendo uma profissão tradicionalmente masculinas, outras já consideram que não, que a pesca pode ser exercida por homens e por mulheres. Elas reconhecem que há tarefas mais difíceis de serem realizadas, pois exige mais força física, mas elas consideram que isso não é empecilho para a não realização da atividade.

Hã hã . Eu acho que é muito forçado né. Tem que faze muita força pra consegui trabalha, mais aí com o tempo vai acostumando, vai indo vai. Pra mim num... se eu chega as rede tá entupida de lixo mesmo assim eu levanto, eu lavo bem, limpo bem, levanto pra cima, dexo secando. Já to acostumada também né, daí pra mim tanto faiz. (Luiza)

Agente não tem corage, nunca precisemo enfrenta, mais eu acho que se fosse preciso nós sai daqui, eu sai daqui com o meu marido, de enfrenta, eu iria com ele. Mais se fosse preciso eu ia, mas como agente né não precisa, e tem vento agente recua pra trais, né. (Maria)

Não! Áh, não claro, a pesca é uma atividade com certeza mais pros home. É uma atividade muito bruta né. Já não é qualque home de cidade que faiz o que agente faiz. Mais, mais não me masculiniza por isso, de forma alguma. (Vera)

Eu acho pra mim que a mulhe pode pesca igual a um home, porque não tem nada a vê Porque ninguém abusa com ninguém. A mulhe trabalha igual a um home. Essas minha guria aí mesmo, elas faiz o mesmo que eu faço elas faiz... Não, a pesca é pra home e pra mulhe. A mulhe trabalha, faiz a mesma coisa que o home faiz na pesca. Que essas mulhe pesca no mar que nem eu. A mesma coisa. Acho que nem tem nada vê a mulhe pesca com home. Não digo assim pesca com “estranho”, mais com o marido, com os pais e as mãe não tem nada a vê. (Lourdes)

As mulheres entrevistadas reconhecem na atividade pesqueira algumas tarefas que exigem mais esforço e que por isso são mais difíceis para fazer. Para realizar algumas das tarefas que consideram muito difíceis elas pedem ajuda para os maridos. É importante ressaltar que algumas das tarefas difíceis relatadas por elas, não são realizadas sozinhas, dependem, normalmente de pelo menos duas pessoas, independente se são homens ou mulheres. Uma delas é “crava calão”, ou seja fixar os troncos de eucalipto ou pinus na Laguna para fixar as redes de pesca.

É esse esquema que eu te digo do lixo né. Porque aí embuxa nas caçapa, aí tem que faze muita força pra cima pra levanta. Muita força pra levanta pra cima. Aí seria mais prum home faze né. É mais difícil. (Luiza)

Difícil era puxa as rede, mais nós puxava. (Vanda)

Ah, daí é crava os calão né. Faze a andania meso eu não consigo. A rede meso é eu que lido com tudo. Se tive que colhe e coloca ela di novo eu faço. Lixo meso, as veiz a rede tá cheia de lixo, fica pesada, i eu vo e consigo faze, custo mais limpo uma por uma. (Cida)

Na narrativa da pescadora Lourdes, constata-se o fator adaptação as tarefas. Ela é a pescadora de maior tempo de profissão na pesca, ela se aposentou como pescadora e por isso relata sempre fazer tudo na pesca e que não tem nada difícil. Este depoimento reafirma a questão da produção cultural de gênero, as masculinidade e feminilidades são produzidas no interior das culturas. Ela sempre fez trabalhos que exigissem força, ou seja do universo masculino.

Não, não. Na pesca não tem nada difícil. Bota uma rede nas costa, leva pra praia e joga na água. Já botei um saco de milho nos ombro e larguei aqui em casa” Já me acostumei com o peso. Não adianta, já acostumei já. Não sei me criei fazendo força desde pequeninha. (Lourdes)

As narrativas apresentadas neste item nos levam a afirmar que a pesca está para as mulheres assim como o peixe está para os homens.

7.3. “Dondoca é uma espécie em extinção” – a sobrecarga de tarefas

A frase, “Dondoca é uma espécie em extinção”, da música da Rita Lee, “Cor de Rosa Choque”, nos faz pensar nos vários encargos e responsabilidades assumidas pelas mulheres. Raras são as mulheres que têm sob a sua responsabilidade somente o espaço doméstico.

As mulheres a nível global tem se inserido cada vez mais no sistema produtivo. Passam a ocupar os espaços públicos que antes eram redutos masculinos. Esta inserção no mercado de trabalho não afastou as mulheres das “obrigações” domésticas. Ela passa a ser autorizada a partilhas do processo produtivo com os homens, mas deveria continuar sendo uma boa mãe, esposa fiel e uma excelente dona de casa.

Na divisão sexual do trabalho tradicional, o homem está ligado ao mundo público do trabalho e a mulher ao mundo privado – a casa, o lar, os filhos. Com este modelo ideal, mesmo quando a mulher tem um emprego remunerado, a gestão do mundo doméstico continua sob sua responsabilidade. (GROSSI, 2004., p.18)

As pescadoras entrevistadas são todas donas de casa. Somente a pescadora Cida declarou exercer atividade de doméstica quando falta pescado para capturar.

As veiz quando não dá pescaria, eu arrumo serviço né, emprego. O ano passado mesmo não deu camarão né. Só deu a curvina parece que ele pesco na barra né, aí como eu não pude i que a gurua tava no colégio eu arrumei um emprego pra mim no Norte. Trabalhei de empregada, dona de casa. Na cebola, meu marido mesmo de vez enquanto ele planta lá i nós ajudemo ele. (Cida)

O universo feminino da pesca, assim como em outros é de sobrecarga de tarefas. Elas além de trabalhar como pescadora, ajudam os maridos na sua atividade de pescador, carregando redes, mantimentos, lavando embarcação e, cuidam dos filhos e da casa. As entrevistadas disseram conseguir conciliarem as tarefas de casa com a pesca.

Sim, sempre da tempo né. Porque mais é de noite e de manhã cedo, aí o resto do dia fica livre. (Luiza)

Consigno faze as duas coisa. A lida de casa eu faço cedo, depois nós vamo pra pescaria. Ai chega de noite a gente já volta também. Embarcação pequena, a pessoa pesca só até uma certa hora só, depois que anoitece já não dá. (Marta)

Áh! A minha lida é a minha vida. Eu é que tenho que faze né. Comida, tudo. Agora mesmo eu fui lá ajuda a leva a rede e vim lava a ropa do meu guri. A senhora vê, a loça toda da janta eu não lavei ainda, não tive tempo. A gente fica cansada as vezes. A gente não para. A casa é da gente, a gente tem que faze né. A senhora sabe, a lida é da gente a gente tem que faze né. A gente tem que concilia tudo.” (Provoquei: “Mulher tem que dar conta de tudo.”) É tudo. É lava ropa. É uma coisa e outra que a gente não para. (Lourdes)

Dá. Depende né, com bebê pequeno já não dá.” Segundo ela, não irá pescar enquanto o bebe não atingir uma certa idade. Áh não, até uma certa idade eu não...Não porque eu não vo largar o meu filho pro canto. Eu não vo larga o meu bebe no canto né, não tem como. (Vera).

A sobrecarga de trabalho normalmente faz com que as mulheres pescadoras peçam ajuda a outras mulheres da família. Não há divisão de tarefas domésticas com os homens, seja ele marido ou filho. Ainda é muito visível o sistema patriarcal de gênero quando o assunto são as tarefas domésticas. Para um homem pescador não fica bem ajudar nas tarefas domésticas.

Perguntei para a pescadora Luiza sobre a vida como mãe no período da pesca, se fica muito complicada, já que a mesma tem seis filhos: “Não, tudo normal. Porque aí eu tenho a guria que cuida né. A minha mais velha é cuida eles pra mim”.

Esta narrativa nos leva a considerar o fator reprodução social das desigualdades de gênero. É a filha mais velha, novamente a mulher, cuidando da criança, exercendo o papel de mãe. São mulheres que ajudam nos afazeres domésticos e no cuidado com as crianças. Aos homens fica somente o ambiente do trabalho.

Abrimos nossos olhos em relação ao machismo dos presidentes das colônias, que negavam nossos direitos e não passavam as informações que tínhamos, por direito, saber. Descobrimos também o machismo de nossos maridos; e também que nós mulheres, temos uma grande sobrecarga de trabalho. Além de pescarmos, cuidamos da casa, dos filhos. Por exemplo, somos nós quem levamos os filhos ao médico e até para nossos próprios companheiros, somos nós quem marcamos suas consultas nos posto de saúde, e somos nós quem vamos para reunião das escolas de nossos filhos. Além disso, assumimos a responsabilidade pelos trabalhos comunitários. (RODRIGUES, 2010, p.1)

A divisão de tarefas entre mulheres e homens que trabalham na pesca é muito desigual. As pescadoras nas suas narrativas disseram ajudar os maridos também no seu trabalho como pescador. Elas acumulam as suas atividades mais as do marido.

É meio puxado, meio difícil. Mais agente consegue fazer. Dá, não faz direito que nem a gente faz em casa (se referindo ao trabalho doméstico ali no acampamento), mais muita coisa agente deixa pra trazer pra trabalhar no mar (referência a Laguna dos Patos). Que nem o almoço mesmo, tem dias aí que a gente almoça 2 h, 2 e meia, que trabalhamos nas redinha nossa meso depois agente espera os marido pra ajuda eles a limpa o camarão né. Que aí veis eles chego com lixo, é sujera, e aí tem que ajuda. E mais a casa e mais os filho. Mais dá. (Cida)

Para Goes, 2008:

As mulheres, geralmente, realizam os seus afazeres domésticos antes de saírem para a roça ou para a pesca. Há casos em que as filhas assumem as tarefas domésticas ou as mulheres pedem para uma vizinha cuidar do almoço. Em outras palavras, as mulheres tendem a conciliar a realização das atividades pesqueiras às domésticas.

7.4. Mulheres/homens e pesca: as relações de gênero e poder

O ambiente de realização da atividade pesqueira é aonde se travam jogos de poder entre os gêneros. Neste contexto podemos falar em relações de poder desiguais que resultam em tensões. Normalmente o homem já possui naturalmente direito para estar e utilizar este espaço. “Na sociedade em que vivemos, *direito* pode ser entendido como algo inerente à condição masculina: os homens já são os sujeitos dos direitos e, portanto, falar nos homens seria invariavelmente falar em “posição de direito”. (MEDRADO; LYRA, 2008, p. 830).

Muitos autores têm apontado para uma “crise da masculinidade”, crise que seria fruto do desconforto masculino face às conquistas das mulheres no mundo contemporâneo. Eu acho que esta crise é de alguma forma algo estrutural do indivíduo moderno. Assim como o feminismo trouxe uma crise na vida das mulheres, trouxe na vida dos homens. A categoria “processo de mudança” me parece mais adequada para pensar o momento pelo qual estão passando homens e mulheres em suas relações e constituições de processos identitários. Ao pensar nas relações de gênero e no processo de constituição de identidade masculina, torna-se inevitável abordar a temática da dominação masculina e a conseqüente subordinação feminina. (GROSSI, 2004, p.23)

A pesca feminina, por ter sido inserida no contexto familiar, não gera muitos desconfortos para os homens, já que as pescadoras do Município não representam ameaça a atividade pesqueira masculina e a sua masculinidade. As que pescam com os maridos não observam muitas atitudes masculinas que desaprovem ou mesmo desvalorizem a atividade feminina. As pescadoras que trabalham sem a presença do marido, ou mesmo de uma outra figura masculina já notam mais algumas atitudes de desrespeito para o trabalho realizado por elas. Algumas situações de constrangimento foram relatadas por elas.

Olha eu acho que foi uma reação normal porque eu acho que como a nossa comunidade aqui as mulhe toda são pescadora, é uma reação normal, porque todas elas, todas gostam da mesma coisa né, então não teve reação nenhuma assim. (Maria)

A não se, se fosse o caso assim de eu sozinha a pesca e depois de anos depois as outra pega a ajudá não. Todas elas. Começo todo mundo junto. Agente já foi criada assim e vai se assim né. É normal. (Vânia)

O que eles agi é fico brincando só né. É debochando. Hoje vais leva a mulhé, ih hoje não dá mais pescaria. É só assim, só de brincadeira, só brincando. (Vera)

Quando o espaço de produção considerado masculino é invadido estes normalmente reagem com brincadeiras e deboches com enfoque sexual para tentar desarticular e desestabilizar, gerando um certo desconforto para algumas mulheres que estão no setor. Para Weeks (2010), “o poder não atua através de mecanismos simples de controle. De fato, ele atua através de mecanismos complexos e superpostos – e muitas vezes contraditórios – que produzem dominação e oposições, subordinação e resistência.”

É as veis sai né. Siguida eles passo ali mexendo i... mais eu e a Luiza, eles acho estranho mesmo duas mulhe pescado. Mais agente não dá bola. Té boto apilido nas nossa andania. Tudo apilido feio. (Receio de falar, eu insisti) É parelha do cú n'água. Parelha das, das mulhé, é sempre essas piada. Eu não do bola.”... Só quando esse home ai fico de piadinha, achando que a parelha é cu n'água e não sei que mais. (Cida)

A subordinação das mulheres nas relações de poder com seus parceiros pescadores, reflete-se na maioria das vezes no não reconhecimento e desvalorização como profissional. Aliado a este fator se encontra os entraves da própria atividade pesqueira.

A atividade pesqueira tem enfrentado sérios problemas. A diminuição da produção é resultado de uma soma de fatores, desde a pesca predatória, poluição, que resultam em diminuição dos pescados, e o aumento do número de trabalhadores no setor. Estes fatores fazem com que pescadoras, pescadores e suas famílias tenham suas rendas diminuídas.

Antes a pesca era mudança. Hoje tu já não tem mais que nem antigamente. Antes no passinho quando eles vinham co o bote tu via as camada cheia de camarão. Agora é difícil tu ganha um salário e outra coisa, tem muita gente que na safra do camarão, que dizem que é a melhor safra na Lagoa dos Pato, tem muita gente que faiz muito dinheiro, tem gente que não faiz nada...Então assim oh, a pesca predatória tá muito grande, muito grande, a ganância e a gente depende da salinidade da água da lagoa também, e esses molhe mexeu muito. (Vanda)

A atividade pesqueira realizada por mulheres, de acordo com o que foi exposto nos itens anteriores, é produzida culturalmente ao longo dos anos a partir da trajetória familiar de cada uma das entrevistadas. A partir da inserção feminina na pesca e das trajetórias surge uma nova atividade profissional, a de pescadora. A questão salarial nos estudos de gênero é um fator importante a considerar. As mulheres, na maioria das

vezes, recebem menos que um homem na mesma profissão. A desigualdade de gênero na renda já tem diminuído em função das lutas sociais femininas, mas na pesca ainda se constata grandes desigualdades. Estas ocorrem quando ela normalmente trabalha como proeira, é empregada. Como a maioria das entrevistadas, trabalha com os maridos e para os maridos, elas não recebem uma renda fixa, o que eles recebem pela produção compõe a renda familiar, mas de acordo com a narrativa das mesmas, se elas recebessem, receberiam bem menos porque os maridos são os donos da embarcação e dos apetrechos necessários para realizar a pesca. Eles são os donos dos meios de produção e elas são empregadas. A pesca depende de produtividade nas safras e a renda vai variar também de acordo com este fator.

Pra nós não tem assim como diz assim que nós ganhamos a mesma coisa, porque tudo vai pra mesma casa...é tudo junto. É tudo da mesma família, é marido e mulher então agente. No caso se outra parilha, se é pra outro proero aí ele tem que fazer aquela conta, aquilo ali ele tem a despesa que ele gasta pra ir pesca, pra dar o restante do dinheiro e dar a parte do proero. Nós somos proero mas somos tudo da mesma casa. É tudo pra nós mesmo. (Vânia)

Aqui o que agente ganha é tudo pra gente né, não tem separação.” Perguntei: se fosse separado tu ganharias igual? Não. Não porque ele é dono. Uma vez ele me levou pra tainha e ele me deu como é...me deu tipo 3 partes por 1, vamos supor, 3 pra ele uma pra mim.” (No caso o homem ganharia mais?) Com certeza. (Vera)

Ganha, ganha a mesma coisa. Eu e o meu marido é a mesma coisa. Quem pega o dinheiro sou eu. Eu é quem divido a parte dele e a minha. (sorriso de satisfação) Brinquei: aqui quem manda é a senhora?!?! Claro! (sorriso). Quem tem quem manda é a mulher. Larga na mão do homem ele não sabe nem o que faz. (Lourdes)

As pescadoras que realizam a pesca sozinha relataram que o rendimento vai variar com a safra, se é boa ou ruim e com a quantidade de redes e a estrutura dos barcos para pesca. Normalmente quem possui uma melhor estrutura para pescar vai pescar mais do que pescadores e pescadoras que têm uma pior estrutura. A renda varia de acordo com a quantidade de pescado, pois o preço do produto é igual para homens e mulheres. Algumas vezes as mulheres chegam a pescar mais que o marido, o que gera um certo desconforto para os homens, principalmente para pescadores que não fazem parte da família da pescadora.

É igual, é igual. O quilo do camarão pra eles é o mesmo que pra nós. Tanto faz, pra todo mundo é o mesmo preço, é a mesma coisa. Ultimamente eu tenho batido mesmo os homens, que às vezes eles chegam a... algum conhecido né que mora na outra praia né, oh! Tais famosa né todo mundo lá na Ponta do Mato diz a mulher do lizo acabou com o camarão da Ponta do Mato. Mexendo

né, que as veis na berinha dá mais né, que no fundo aí já gasta óleo, é mais longe pra i, daí dá bem mais na berinha mesmo. (Luiza)

Não, é diferente, eles ganho mais né. Porque tem mais rede. A profissão deles é bem mais forte que a da gente. A nossa ali é poquinho rede. A Luiza ainda tem bastante mais eu é poquinho rede. Mais o que eu ganho tá bom. (Cida)

Outra consideração importante a fazer é que segundo algumas pescadoras o rendimento na pesca é bem melhor do que outra profissão que elas fossem qualificadas a receber, já que o nível de instrução da maior parte das pescadoras é muito baixo.

Eu acho que é bem melhor. É bem melhor. Tem noite ai de faze 500 real, mais de mil real. Ai trabalhando assim, assalariado num mês é um salário né. A não eu acho que na pescaria da bem mais. (Luiza)

Pra mim vale apenas né a pesca. O pouco que dá é da gente. Que aís veiz agente tá empregada leva desaforo, piadinha, agente tá loca pra i pra c asa e não pode que tem que marca o horário. E a pesca não, tu vai ali e pesca e o que tu mata é teu. E se tu não mata também agente fica feliz igual, tem outro dia. Sempre a esperança de outro dia se melhor né. (Cida)

7.5. Pesca/masculinidades/feminilidades

Em qualquer lugar do mundo e em todas as populações há machos e fêmeas, e isso parece estabelecer uma “invariabilidade” entre os seres humanos. Entretanto, é a cultura que cria homens e mulheres, e as maneiras de viver o masculino e o feminino são radicalmente diferente de lugar para lugar, de tempo a tempo. (SEFNER, 2008, p.107)

A produção do masculino e feminino é cultural e histórica. “As maneiras de viver o masculino e o feminino”, como nos diz Seffner (2003), são muito diferentes. As mulheres pescadoras resolveram viver o seu feminino no masculino. Ocupam os espaços nomeados e autorizados para os homens. Transformam os seus corpos e se relacionam com os mesmos de forma natural. Aceitando e incorporando as mudanças físicas, sem muitas vezes perceber o que para elas é imperceptível. Ter força física e coragem superior a de outras mulheres não as assusta e intimida.

Para as pescadoras entrevistadas a sua feminilidade não foi afetada pela sua atividade profissional. Todas elas afirmaram não ter havido mudança na sua vida afetiva em função da pesca.

Acho que pra mim eu me sinto do jeito que eu so né. Não, nunca me achei com jeito de home. Sei eu, eu pesco e nunca do bola pra ninguém. Às vezes o

pessoal olha mais eu não do bola.. Tem muita gente que pesca, aquela do Paulinho ali mesmo, a Silvana, pesca. A Gracinha pesca. Não do bola. Eu me sinto feliz que eu não so assim de esquentar a cabeça que eu to pescando, que fulana tá pescando, pulando igual home... não, eu pesco do meu jeito...Me sinto bem. Me sinto feliz mesmo. (verifiquei que ela ficou incomodada com a pergunta e que se justificou dizendo que era feliz.) (Lourdes)

Não muda nada, não deixo de pintar minhas unhas, meus cabelos, passa meu batom. A hora da pesca é a hora da pesca. (Maria)

A pescadora Luiza foi a única das entrevistadas a relatar a percepção das mudanças do seu corpo devido a pesca. Em sua narrativa ela faz uso do termo “mulher normal”, ou seja, o que a cultura transmite o que é normal ou não para uma mulher. Uma mulher delicada, frágil, sensível e dependente do marido. Para Weeks (2010), “ao definir o que é anormal (uma moça com evidências corporais de masculinidades...), tornou-se plenamente possível tentar definir o que é verdadeiramente normal...”

Não, às vezes eu me olho no espelho me sinto muito assim, o corpo fica mais musculoso, fica mais, mais diferente de que uma mulher normal assim que não faz tanta força, eu acho. (Luiza)

As representações da pesca como uma atividade masculina é evidenciada na própria narrativa das pescadoras. Lourdes, quando descreve as atividades que realiza enfatiza, “igual a um home”, “minha mãe disse que eu era pra te nascido home”.

Se eu tive que pesca sozinha eu pesco. Eu sei ligar um bote. Eu sei trabalhar numa embarcação. Sei manobrar, sei. Manobro igual a um home. Viro na chave e tudo e vo me embora direitinho. Encosto no trapicho, amarro... Ah, capais, igual a um home. Pode me mandar fazer alguma coisa de pescaria que eu faço. Ah, eu faço! Mais tem muita mulher aí que nem sai de dentro de casa sai. Pegam seguro melhor que muitas. A minha mãe que disse que eu era pra te nascido home.(Lourdes)

Louro (2010), afirma que:

Nossos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambigüidades nem inconstância...Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados.

As produções culturais de gênero também podem ser evidenciadas na moda. A cultura dita o que é permitido ou não para o masculino ou feminino. De acordo com a

roupa utilizada a mulher fica mais feminina ou mais masculina e o homem mais masculino ou feminino. A narrativa da Presidente da Articulação Nacional das Pescadoras evidencia este fato:

Descobrimos também que os órgãos públicos como INSS e o MPA3 mostram muito preconceito em relação a nós mulheres. Para termos nossos direitos garantidos por esses órgãos temos que ter “cara” de pescadoras, não podemos aparecer como mulheres arrumadas, temos que estar sem pintura e sem roupa bonita. (RODRIGUES, 2010, p.1)

Desde o nascimento meninos e meninas já são diferenciados a partir das roupas que irão vestir. O azul representa o gênero masculino e o rosa o feminino. De acordo com o determinismo biológico, meninas são meigas, carinhosas e sensíveis, por isso suas roupas serão claras e com adereços e desenhos sensíveis como elas. Os meninos, não. Estes nasceram para proteger as mulheres, trabalhar para sustentar a família. São fortes, não choram e não temem o perigo. Para mostrar toda a sua capacidade e virilidade precisam utilizar roupas com cores fortes e material que resista a todas as suas atividades diárias. Até mesmo as estampas remetem a vida ativa reservada para o gênero masculino.

As roupas masculinas sugerem domínio físico e/ou social. São desenhadas para representar força muscular por isso elas tendem a alargar o corpo com cores escuras e material pesado. As pescadoras entrevistadas não gostam de utilizar as roupas de pesca, já que são roupas produzidas para homens. São roupas muito pesadas, de oleado (material sintético), bastante grosseiras. Elas dizem suar e se sentir sufocadas.

Tenho uma roupa de oleado. Ah, boto mais não gosto. Boto porque so obrigada, mais não gosto... A gente só se suja muito né. Não gosto me sinto mal com roupa de oleado... eu são. (Lourdes)

A construção social do que é permitido para mulheres e homens evidencia o que é característica feminina e masculina. As mulheres pescadoras têm seus corpos modificados devido ao esforço físico realizado na atividade pesqueira. Os traços característicos da anatomia masculina são evidenciados pela estrutura de seus corpos. Mesmo com todas as evidências de transformação alguns traços de sua personalidade continuam bastante femininos. A mulher pescadora tem muito mais medo do que os homens pescadores. Elas recuam frente uma situação de perigo e não tem problema em demonstrar suas emoções.

O que mais me marco foi uma veis que este aqui (o marido), veio doente da pescaria, das rede com um febrão, febrão, ai ele largo as rede na bera da praia e disse pra mim, oh mulhe, não consegui nem levanta as rede, tem uns camarãozinho, não consegui tirá. Dei um chá pra ele e convidei a minha irmã e o meu sobrinho pra i lá. Era verão, dá esse tempo loco assim e nós fumo num caico pequeno, eram 12 redes e nós em veis de chega lá na andania e tirá a rede do canal pra terra não, tiramo da terra pro canal. Ai nós tirava a rede e fumo botando pra dentro do caico, não tirava camarão nem nada né. Quando nós olhemo assim pra cima vinha o arco do tempo do rebojo¹⁵, temporal guria e nós apavorada, os treis banana e ainda dechemo o negócio de esgota¹⁶ de bacho das rede. Ai se armo-se u temporal gritemo pro meu primo vim pega nós. Foi meu primo vim pega nós o temporal caiu. Me marco muito, porque nós fizemo as coisa ligero assim, nós sabia faze, só que eu sabia mais a minha irmã não, ela faiz outra atividade. Nós quase afundemo. Eu tenho muito medo de temporal, até hoje. (Vanda)

A única coisa, a última vez que eu senti um poco de medo, foi quando a água enche de mais né. Que nem a Arlete que ais veiz fica na bera dá né, que ela desce do caico, a onda bate. E ais veiz até eu ais veiz desço, quando dá aquelas onda grande meso que a gente não consegue lida com caico eu desço também. E é perigoso né agente bate com a cabeça ou alguma coisa. Só isso que eu tenho medo, o resto. (Cida)

Os maiores traços de masculinidades foram evidenciados pelas pescadoras Luiza e Lourdes. Durante a minha permanência no acampamento de pesca, onde Luiza estava com a família, observei que a mesma tinha uma personalidade bastante forte e que defendia sempre a família. A autoridade perante o marido e o respeito que impunha com os outros pescadores é bem marcante. Lourdes também evidenciou uma personalidade forte e de comando na família. Segundo a sua narrativa ela não tem medo de nada, nem de mar, neste caso de oceano.

Perigo não, graças a Deus. Não, eu não tenho medo de mar... Não tenho medo. Temporal nós já peguemo, mais o seu Manoel vem tudo na frente, como eu já falei pra senhora. A gente vem com coragem porque não vinha sozinha. Peguei temporal no mar mas as embarcação vinha tudo. A gente via mais ou menos aonde ele entrava encostadinho dos molhe. Vinha com corage. A gente tem que te fé em Deus na hora de vento. Tudo gente boa. (Lourdes)

Um fato evidenciado no município e, conseqüentemente, na atividade pesqueira, é que as mulheres são identificadas pelo nome ou apelido do marido, “a mulhe do lilizo”, “a mulhe do Xó”. Elas não são reconhecidas e identificadas pela sua própria identidade, principalmente por outros homens.

¹⁵ Vento Sul.

¹⁶ Tirar água da embarcação. É feito por um instrumento conhecido como batedor.

A gente tá acostumada com esse pessoal da volta tudo a pesca. Porque essas pessoas toda que pesco aqui na Barra eu conheço. A Gracinha também é gente boa. Pesca direto aquela mulhe do Xó. Aquela mulhé do Xó se aposento um poquinho primeiro que eu. Nós tudo na volta é gente boa... a gente pescadora aqui é tudo gente que a gente conhece. Nunca ninguém falo nada de mulhe pescando. Quem pesca aqui é tudo gente que a gente conhece. Nem eles fala da gente, nem a gente fala dos outro que faz parte da vida né, faz parte da vida. (Lourdes)

Esta constatação nos remete novamente no âmbito das relações de poder. Numa relação desigual de poder. De um poder patriarcal que faz com que a identidade feminina seja encoberta pela autoridade do poder masculino.

A questão da dominação masculina é uma das questões teóricas chave das reflexões teóricas feministas sobre o gênero. No final da década de 70, havia a opinião geral de que a dominação masculina era universal, ou seja, em todas as culturas do mundo, os homens dominavam as mulheres simbolicamente, politicamente e economicamente. (GROSSI, 2004, P. 15)

7.6. Perspectivas das mulheres no setor pesqueiro de São José do Norte

As análises produzidas nos itens anteriores que as mulheres se inseriram no ambiente de trabalho masculino de forma lenta e gradual. Elas estão pouco evidenciadas no município, suas presenças são invisibilizadas e desmerecidas por muitos homens e, também por mulheres. Elas têm ficado, muitas vezes, à sombra de seus maridos e, na maioria das vezes reconhecidas somente por eles.

Com a repercussão dos processos sobre as mulheres em comunidades pesqueiras litorâneas, acentua-se a flexibilidade que caracteriza a atuação feminina no setor, muitas vezes conjugando-se com precariedade, baixa renda e exclusão de direitos profissionais e sociais. (MANESCHY; ALVARES, p. 1)

As expectativas, em relação ao futuro, são de esperança. Elas pensam sempre na família. Na melhoria do setor pesqueiro tanto para homens como para mulheres. Além dessas melhorias elas querem ter mais facilidade no encaminhamento do Registro Profissional de Pescadoras e Seguro Defeso. Ter seus direitos de produtoras e de representatividade reconhecidos assim como os homens pescadores. Estas pescadoras estão na profissão porque gostam do que fazem e, também, necessitam ajudar a sua família. Para elas só o fato de estar na atividade de pescadora já é vantagem. A única desvantagem que elas vem é em relação a saúde que é prejudicada devido a exposição

ao frio, ao sol e a chuva. Estas pescadoras não possuem assistência médica adequada. Elas dependem dos precários serviços de saúde do SUS e da Colônia de Pescadores Z-2.

As vantagem é que tu tá ali na natureza, tu tem a hora que tu qué. Não vê desvantagem. Se eu tivesse que inicia tudo hoje eu. Agora é porque eu... Eu sempre gostei do que eu fazia. (Vanda)

As vantagem é claro a pessoa trabalha, passa um sacrifício mais consegue fazer um bom dinheiro, trabalhando direitinho né. Mais eu acho que as desvantagem é que acaba muito com a saúde né. Que realmente é pra homes fazer. Eu acho que a saúde prejudica bastante. (Luiza)

É vantagem. Pra mim a pescaria é vantagem. Desvantagem na pescaria não tem. O que eu tenho é dentro de casa. O que é enjoado é fazer comida, lava louça, fazer comida...A casa é desvantagem. (Lourdes)

Todas as pescadoras entrevistadas relataram que pretendem ficar na profissão.

Pretendo. A vida toda (risada). Pretendo. Que é uma coisa que eu gosto de fazer. Vê minha mãe e meu pai se aposentaram e continuam na pesca porque eles gostam e a pessoa que gosta e que não vai achar que... né. (Marta)

Pretendo ficar. Eu gosto muito, eu adoro, na beira da praia, na pescaria, eu adoro. Chego a conta a hora, os minutos, os segundos pra ir pra lá de uma vez acampa. Eu adoro tá lá. (Luiza)

O sonho de Marta é de pescar num barco grande para ir para o oceano. Pescar no espaço só autorizado para os homens, no mar de fora. Eu brinquei com a Marta, e se chegassem e dissesse que a única coisa que tu poderia ser era advogada?

Àh, eu diria assim. Não dá então pra fazer um barco pra trabalhar só mulher. (perguntei porque ela acha que teria que ter um barco só para mulheres?) Ah, porque tem uma mulher num barco que tem 8 homens já não dá. (a mãe respondeu; tem que ser só de mulher, tem um barco só de mulher ia ter um monte de mulher pescando, meu Deus.). Eu tinha vontade de pescar naqueles da Leal Santos¹⁷, vontade de trabalhar naqueles. Pra sair pra fora.

É eu não sei, pra mim a mulher deveria de ter um barco pra mulher pescar, deveria de ter. Tem mulher que gosta né. Gosta. Não é todas né. Eu acho pra mim que é um serviço igual outro. Não é por ser mulher que não pode pescar. (Marta)

¹⁷ Leal Santos é uma empresa de pesca industrial.

Elas não pensam em trocar de profissão, algumas porque gostam muito pescar e outras nunca pensar nisso e disseram não ter qualificação e nem instrução para trabalhar em outro local.

Áh, eu acho que eu não trocaria... Da pescaria eu não troco... Óh, eu acho que eu ficava doente. Acho que me dava até um troço, ficava triste. Acho que não trocaria. Ficava até doente acho. (Lourdes)

Mais que nem pra nós mesmo aqui, eu mesmo não tenho estudo, que outro tipo de profissão né. Não tem outro tipo de profissão. E mesmo que já tivesse outro tipo de profissão, se já tá difícil pra quem tem estudo e moram na cidade não tem emprego, imagina pra nós que moramo aqui. Se nós sai daqui pra mora na cidade, com filho, nós ia gasta o dobro do que agente gasta aqui. Então não tem nada. Eu acho pra mim que não tem né!? Acho que tem que se isso ai mesmo né? Tem que se isso aí mesmo né!? (Vânia)

A pesquisa evidenciou que as pescadoras, são sócias ou dependentes dos maridos da Colônia de Pescadores Z2, de São José do Norte. Além disso, as pescadoras da Comunidade Pesqueira da Várzea, participam como sócias do Centro Comunitário da Várzea, fundado e presidido por uma pescadora aposentada. Só uma pescadora relatou participar de movimentos e encontros relativos a pesca. BORGONHA (2008), em estudos realizados em santa Catarina evidenciou que [...]as mulheres não estão vinculadas a nenhuma associação, raramente são sócias da colônia de pesca e não possuem direitos assegurados pelo exercício de suas atividades[...]. Apesar das mudanças, até agora essas comunidades continuam a se pensar como de pescadores. Sua identidade, deste ponto de vista, não se alterou (WOORTMANN, 1991, p.33.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Direcionar um olhar diferenciado para o setor pesqueiro é de suma importância, principalmente quando este está inserido num município de famílias tradicionalmente patriarcais. Cujas dominação masculina sobre o feminino impera. Saber que as mudanças ocorridas na atividade pesqueira não são somente de cunho econômico e social, mas também como apresento neste estudo de caso, nas estruturas de gênero.

O campo da atividade pesqueira em todo o Brasil e no Mundo está em profunda transformação. Mulheres e homens passam a ocupar os mesmos espaços. O mar de fora não é mais território somente masculino. Mulheres começam a invadir os espaços tradicionalmente ocupados por homens e com isso causam estranhamento e geram desconfortos. Passam a realizar tarefas impensadas para elas neste setor.

A mudança na divisão de tarefas e emergência da mulher no setor exige uma reestruturação das leis que regem o setor e, principalmente, do machismo verificado nas entidades que representam a classe trabalhadora pesqueira.

Este estudo de caso foi desenvolvido em quatro comunidades pesqueiras distintas, envolvendo onze mulheres pescadoras e conversas informais com outras mulheres que já realizaram a atividade na década de 50 e 60. O estudo tinha como enfoque central investigar a inserção e trajetória de mulheres em águas masculinas, numa profissão tradicionalmente autorizada para os homens.

Apresentar as origens do setor pesqueiro no Município foi de suma importância para entender como se deu as construções de gênero e as relações de poder que se travam no setor. Traçar o perfil das pescadoras, dizer quem são estas mulheres, como foram suas inserções e trajetórias na pesca, identificar os tipos de pesca e tarefas realizadas por elas neste setor são necessárias para a construção desta conclusão. A partir disso foi possível atravessar conceitos de gênero, masculinidades e relações de poder e construir os resultados desta pesquisa.

As análises realizadas resultaram em algumas considerações de suma importância para pesquisas mais profundas nesta área. A partir dos cruzamentos deste estudo de caso, referenciais teóricos e outros estudos já realizados com esta temática no Brasil é possível estabelecer os resultados das pesquisas.

As mulheres pescadoras deste estudo são brancas, a maioria católica não praticante, todas casadas ou moram juntas com alguém, ou seja, tem uma relação estável. Elas são mães e donas-de-casa e o nível de instrução destas pescadoras é muito baixo.

Verificou-se que todas iniciaram a atividade com a família e aprenderam a pescar com o pai, com o marido ou com uma outra figura masculina membro da família. Realizam a atividade em família, sendo que a maioria relatou ser proleira do marido, ou seja, são dependentes deles na profissão. Somente duas relataram ser donas dos meios de produção na pesca e outra dizer que ela e o marido são os donos. Declararam gostar muito da profissão e não pretendem trocar de atividade.

Ficou evidenciado na pesquisa a alteração na divisão de tarefas entre os gêneros na pesca. Elas deixam de fazer somente as atividades que antes era permitido para elas neste setor. Elas passaram a realizar outras tarefas como colocar e tirar rede, ou seja, pescar efetivamente.

Em relação ao espaço autorizado para a pesca feminina, constatou-se que são as áreas mais próximas da terra, em águas rasas. O mar de dentro, mais próximo da terra, é o espaço permitido para a realização da pesca feminina, já o mar de fora, o oceano, é o espaço de domínio masculino, seu espaço de poder. Somente uma das pescadoras relatou invadir este espaço autorizado só para os homens.

A classificação do espaço natural é também uma classificação de espaços sociais e de domínios pertinentes a cada gênero. Num plano mais geral, o mar é percebido como domínio do homem, em oposição à terra, domínio da mulher. No entanto, essa classificação bipolar se relativiza e se decompõe em outras oposições como que de menor escala. O mar se subdivide em **mar de fora**, **mar alto**, ou **mar grosso**, espaço do trabalho masculino por excelência, e em **mar de dentro** (entre a praia e os arrecifes) onde tanto homens como mulheres exercem atividades produtivas. A terra, por sua vez, subdividia-se tradicionalmente entre o espaço da agricultura e a praia, o primeiro concebido como essencialmente feminino, e o segundo como um espaço intermediário onde, tal como no **mar de dentro**, trabalhavam tanto mulheres como homens. (Woortmann, 1991, p.3)

A pesquisa evidenciou uma grande desigualdade entre os gêneros na divisão das tarefas e rendimento. As mulheres estão com sobrecarga de trabalho. Acumulam a atividade pesqueira, o cuidado com os filhos, casa e marido. Além disto, dizem ajudar seus companheiros na sua profissão de pescadora. Constatou-se, pela narrativa das pescadoras, uma grande dependência financeira do marido, pois como a pesca é realizada em família, o dinheiro vai para o gasto da família. Somente as que pescam sozinhas conseguem saber o quanto recebem.

No setor pesqueiro do Município não foi evidenciado muitas tensões entre os gêneros em função da pesca familiar. Mesmo as mulheres que possuem os seus equipamentos de pesca e trabalham sozinhas, o fazem perto dos seus maridos, na mesma comunidade pesqueira, sob o seu olhar. Isto evidencia a clara dominação dos homens naquele setor. Nenhuma mulher ousou romper com a norma vigente no Município, a da pesca familiar, e se aventurar em outras águas, como já ocorre em outros lugares do Brasil. Não haverá tensão enquanto as mulheres não invadirem outras águas e não abalarem o conforto masculino.

Constatou-se que as pescadoras que realizam as tarefas ditas masculinas na pesca, ou seja, aquelas que requerem mais força e coragem, têm seus corpos e seus jeitos modificados. Seus corpos e traços masculinizados e a própria profissão de pescadora não alteram o seu modo feminino de ser.

É de suma importância ressaltar que as mulheres pescadoras do Município não são visibilizadas e, conseqüentemente reconhecidas. Pouquíssimas mulheres têm registro como pescadora e boa parte delas nem sabe que perante a lei são. Não têm conhecimento que os trabalhos que elas realizam e, que as mesmas classificam como “ajuda aos maridos”, caracteriza a profissão de pescadora.

Não há nenhuma entidade representativa destas pescadoras em São José do Norte. Em outros Estados brasileiros, as pescadoras já estão mobilizadas e organizadas para defender seus direitos e reivindicar as mudanças necessárias para atender as transformações do setor.

Este estudo pretende deixar um alerta da necessidade de apoio que as trabalhadoras do município de São José do Norte necessitam. Elas estão esquecidas

como classe produtora. São invisibilizadas pela dominação masculina no setor e pelo preconceito e machismo em relação a sua atividade. Ainda são vista no município como apêndice do marido e não como trabalhadora.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. Terra e Mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima. Tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte – RS. Tese de Doutorado. PPGAS/UFRGS. 2007.

ÁLVARES. Maria Luiza Miranda; MANESCHY, Maria Cristina. Mulheres na pesca: trabalho e lutas por reconhecimento em diferentes contextos. Disponível em [http://coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=12:mulheres-na-pesca-trabalho-e-lutas-por-reconhecimento-em-diferentes contextos](http://coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=12:mulheres-na-pesca-trabalho-e-lutas-por-reconhecimento-em-diferentes-contextos). Acesso em: 02 de abril de 2011.

BORGONHA, Maíra; BORGONHA, Mirtes Cristiane. Mulher-pescadora e mulher de pescador: a presença da mulher na pesca artesanal na Ilha de São Francisco do Sul, Santa Catarina. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Borgonha-Borgonha_64.pdf. Acesso em: 02 de abril de 2011.

CAVALCANTI, Diego Costa Medeiros. Entre a casa e a pesca: discutindo gênero e pesca feminina no litoral Paraibano. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Diego_Rocha_Medeiros_Cavalcanti_64.pdf. Acesso em: 02 de abril de 2011.

DI CIOMMO, Regina Célia. Pescadoras e Pescadores: a questão da equidade de gênero em uma reserva extrativista da Marinha. In.: Ambiente e Sociedade, v. x, n.1, jan./jun. 2007, p. 151-163. Campinas

FOULCAUT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARCEZ, Danielle Sequeira; SANCHEZ-BOTERO, Jorge Ivan. Comunidade de Pescadores Artesanais no Estado do Rio Grande do Sul. Rio Grande, 2005.

GOES, Lidiane de Oliveira. Os usos da nomeação mulher no cotidiano de homens e mulheres que atuam na pesca artesanal. 2008. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

GROSSI, Miriam Pilar. Masculinidades: uma revisão teórica. Antropologia em Primeira Mão., 2004.

LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Belo Horizonte: Educação em Revista, n.46, dez. 2008.

_____. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Belo Horizonte: Pro Posições, v. 19, n.2, maio/agosto 2008.

_____; FELIPE, Jane; GOELNNER, Silvana (Org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 3ª Ed. Petrópolis: vozes, 2007.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. Florianópolis: Estudos Feministas, set/dezembro/2008.

MINISTÉRIO DA PESCA E DA AQUICULTURA. Boletim Estatístico da Pesca e da Aquicultura – Brasil 2008-2009. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br/mpa/seap/Jonathan/mpa3/docs/anuário%20da%20pesca%20completo2.pdf>. Acessado em: 06-08-2011.

RODRIGUES. Martilene. Situação das mulheres pescadoras no Brasil. Articulação Nacional de Pescadoras – Disponível em: <http://wp2.oktiva.com.br/portaldomar-bd/files/2010/08/pescadoras-do-Brasil.pdf>. Acessado em: 17 de julho de 2011.

RODRIGUES, Vitor Hugo G. Forte Jesus-Maria-José. São Paulo: Edicon. 1995.

SARTORI, Ari José; BRITO, Neli Suzana (Orgs.). Gênero na Educação: espaço para a diversidade. Florianópolis: Gênus, 2008.

SEFFNER, F. Derivas da Masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Tese de Doutorado, PPGRDU/UFRGS, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

STEARNS, Peter N. A História das relações de gênero. São Paulo: Contexto, 2007.

WOORTMANN, Ellen F. Da Complementaridade à Dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do nordeste. Série Antropologia. Brasília, 1991.

WOORTMANN, Ellen F. Cambios de tiempo y espacio/câmbios sociales, bajo el impacto de La modernización. Revista estudios Feministas. Florianópolis, maio-agosto/2007. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2007000200015.

Acesso em: 11 de setembro de 2010.

WOORTMANN, Ellen F. Da Complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste. Brasília, 1991. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie111empdf.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2011.